



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA

CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DE ADOLESCENTES QUE COMETERAM HOMICÍDIO

Carolina Cardoso de Souza

Goiânia
2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA

CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DE ADOLESCENTES QUE COMETERAM HOMICÍDIO

Aluna: Carolina Cardoso de Souza

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Resende

Goiânia
2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
VICE-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA

Carolina Cardoso de Souza

**CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DE ADOLESCENTES QUE COMETERAM
HOMICÍDIO**

Comissão Examinadora

Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Resende
Presidente

Prof.^a Dr.^a Mara Rúbia de Camargo Alves Orsini
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Prof.^a Dr.^a Daniela Sacramento Zanini
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUCGoiás)

Prof. Dr. Fábio Jesus Miranda (Membro Suplente)
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás)

Goiânia
2013

Dedico este trabalho...

...aos meus pais, Jacira Pereira Cardoso de Souza e Quênio Ramos de Souza,

...à minha irmã, Gabriela Cardoso de Souza,

...ao Leonardo Muniz Barboza,

por me fazerem uma pessoa melhor a cada dia.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, fonte de amor incondicional, por caminharem ao meu lado, como sempre. O amor de vocês foi fundamental para a realização de mais uma jornada. Obrigada por confiarem em mim e por serem exemplos de determinação.

À minha irmã, por compartilhar momentos de sorrisos e de dificuldades. Em especial nesta trajetória, foi gratificante dividirmos experiências, angústias e noites em claro. A sua dedicação me inspira.

Aos meus familiares, avós queridas, tios e primos, por vibrarem energias positivas. Em especial à minha madrinha, por acompanhar cada momento desta jornada, pelo apoio e suporte que foram fundamentais.

Ao Léo, meu companheiro, amigo, amado, por me acompanhar com toda a paciência, amor e carinho. Obrigada por sempre me encorajar, especialmente nos momentos de angústias e incertezas.

À minha orientadora, Ana Cristina, pela confiança conferida a mim desde 2009. Obrigada por incentivar-me a seguir este caminho, por embarcar comigo neste sonho e acreditar que daria certo. Obrigada pela parceria, pela dedicação, pela paciência, pelo cuidado e pelo auxílio imprescindível na minha formação.

Aos Professores Mara Rúbia, Daniela e Fábio pela prontidão em contemplar este trabalho.

À Liliane, muito querida, que me acompanhou desde o início dessa jornada, e que vibrou com cada evolução desta pesquisa como se fosse o próprio trabalho. Obrigada pela disposição em colaborar, sempre.

À Professora Vera Morselli, exemplo de profissional, que me apresentou o sistema socioeducativo e com muito carinho me acolheu no início da minha formação.

Às minhas amigas que a psicologia me deu. À Ana Cândida, por iniciar esse sonho junto a mim, pela presença nos primeiros passos, por me encorajar a prosseguir, pela leitura, contribuição e envolvimento com meu trabalho. À Fer, por acompanhar todos os

meus passos, compartilhando angústias e conquistas e ser um grande exemplo de dedicação e amor à profissão.

Às minhas amigas Lara, Erika, Marcela, Laura e Nathália por fazerem parte da minha vida, dando suporte fundamental nesta etapa.

Aos colegas que caminharam comigo, Otília, Nara, Vinícius, e as meninas do Grupo de Pesquisa. À Otília, querida, pelas inúmeras trocas de experiências, pelos encontros breves, mas sempre gratificantes, pelo apoio e carinho. À Nara, por compartilhar não só o tema do estudo, mas as pequenas ansiedades e conquistas. Ao Vinícius pela companhia no primeiro ano do mestrado, por partilhar interrogações. E ao Grupo de Pesquisa, às meninas queridas, Edinamar, Maísa, Priscila, Larissa, Ana Clara, Thaís, Bruna, Carol, Taty, Ariana e Jacqueline que contribuem para o meu crescimento profissional e pessoal, vocês são incríveis. Muito obrigada pela disponibilidade de vocês em colaborar com o trabalho ou com a escuta.

Às instituições socioeducativas que viabilizaram a realização desta pesquisa, facilitando o acesso aos adolescentes.

Aos adolescentes que participaram deste estudo.

À CAPES pela bolsa de estudos concedida.

RESUMO

A presente dissertação está organizada em duas seções que têm como objetivo principal caracterizar aspectos psicológicos de adolescentes que cometeram homicídio e estão cumprindo medida socioeducativa de internação. Uma avaliação precisa dos aspectos psicológicos desses jovens poderá contribuir em trabalhos de intervenção e encaminhamentos mais pertinentes às suas necessidades psicológicas, bem como poderá auxiliar na prevenção de comportamentos infracionais e reinserção no meio social. A primeira seção consiste em uma revisão bibliográfica sistematizada a fim de analisar a produção científica sobre adolescentes que cometeram homicídio. Para isso, foi realizada uma busca, entre junho e dezembro de 2012, nas seguintes bases de dados com artigos nacionais e internacionais dos últimos dez anos: Scielo e Pepsic; ClinicalKey; PsycNet; Science Direct; e a plataforma online Taylor & Francis, utilizando diferentes combinações entre palavras-chave. Foram levantados no total 14 artigos. Os resultados mostraram a prevalência de estudos internacionais e empíricos; a maioria tinha como objetivo analisar características de personalidade nessa população e predominaram os estudos que fizeram uso de avaliação psicológica. Os estudos com foco no homicídio são escassos quando comparados com pesquisas centradas em outros atos criminais ou na generalização dos atos. Na segunda seção trata-se de um artigo empírico que tem por objetivo caracterizar a diversidade de configurações psicológicas em um grupo de adolescentes que cometeram homicídio. Participaram deste estudo 33 adolescentes, dos sexos masculino e feminino, com idades entre 14 e 19 anos, que cometeram homicídio e estão cumprindo medidas socioeducativas privados de liberdade, em instituições situadas em Goiânia, Goiás. Os adolescentes foram submetidos a uma entrevista semiestruturada e ao Método de Rorschach (Sistema Compreensivo). Os resultados revelaram algumas características de personalidade que permitiram compreendê-los em subgrupos. O levantamento de perfis específicos de adolescentes que cometeram homicídio permite estabelecer tratamentos e abordagens mais adequados a cada caso. Ainda que estes adolescentes não se constituam como um grupo homogêneo e que não haja um padrão de características universais que os represente, os principais resultados permitiram constatar a insuficiência de recursos psicológicos que interferem na capacidade de adaptação ao meio em que vivem. De maneira geral, as duas seções da dissertação realçam a importância de se considerar aspectos psicológicos que influenciam adolescentes que cometeram homicídio.

Palavras-chave: adolescentes; homicídio; avaliação de personalidade; Método de Rorschach.

ABSTRACT

This dissertation is organized in two sections with the primary objective to characterize psychological aspects of adolescents who committed homicide and are under educational measures admission. An accurate assessment of the psychological aspects of these young people can contribute to the work of more relevant intervention and referrals to psychological needs of these individuals and may assist in the prevention of infractional behaviors and social reintegration. The first section consists of a systematic bibliographic revision with the purpose of analyzing the scientific production regarding adolescents who committed homicide. Therefore, a search has been performed between June and December 2012, in databases with national and international articles of the last ten years: Scielo and Pepsic; the ClinicalKey; the PsycNet; the Science Direct; and the Taylor & Francis, using different keywords combinations. A total of 14 articles was selected. Results showed the prevalence of international and empirical studies and the majority had the objective to analyze personality traits in this population with predominated studies that made use of psychological assessment. Studies focusing on homicide are scarce compared to research focused on other criminal acts or acts of generalization. The second section deals with an empirical article that aims to characterize the psychological configurations diversity in a group of adolescents who committed homicide. The study included 33 adolescents, male and female, aged between 14 and 19 years, who committed homicide and are serving educational measures deprived of freedom in institutions located in Goiânia, Goiás. The teenagers were submitted to a semi directed interview and the Rorschach Test (Comprehensive System). The results indicated some personality traits that promoted a division into subgroups. The specific survey profiles of adolescents who committed homicide allows to establish treatments and approaches more appropriate to each case. Although adolescents who commit homicide do not constitute a homogeneous group and that there are no standard universal characteristics that represent them, the main results demonstrated the insufficiency of psychological resources that interfere with their capacity to adapt to the environment. In general, the two sections of the dissertation emphasize the importance of considering psychological aspects that influence adolescents who committed homicide.

Keywords: adolescents; homicide; personality assessment; Rorschach Test.

SUMÁRIO

LISTAS DE SIGLAS	10
INTRODUÇÃO	11
SEÇÃO I –Aspectos Psicológicos de Adolescentes que Cometeram Homicídio: uma Revisão Sistematizada	
RESUMO/ ABSTRACT.....	18
INTRODUÇÃO.....	19
MÉTODO.....	22
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34
SEÇÃO II –Perfis de Personalidade de Adolescentes que Cometeram Homicídio	
RESUMO/ ABSTRACT.....	37
INTRODUÇÃO.....	38
MÉTODO.....	41
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO.....	67
Anexo A – Tabela de apresentação dos artigos selecionados em bases de dados.	71
Anexo B – Roteiro de entrevista.....	73
Anexo C –Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	77

LISTAS DE SIGLAS

Adj D	Grau de controle e tolerância ao estresse ajustado
(H)	Para Humano
(Hd)	Detalhe para humano
Afr	Quociente de afetividade
Blends	Determinante misto
C	Cor
CF	Cor-forma
COP	Movimento cooperativo
DQ+	Resposta Sintetizada
EA	Experiência efetiva ou recursos disponíveis
Ego	Índice de egocentrismo
FC	Forma-cor
FM	Movimento Animal
F+	Quantidade de respostas com qualidade formal super elaborada
Fr+rF	Soma das respostas que envolvem reflexo
GHR	Representação Humana boa
H	Humano
Hd	Detalhe humano
Lambda	Proporção de respostas com determinante de Forma pura no teste
M-	Movimento Humano com qualidade formal menos
M	Movimento inanimado
P	Resposta Popular
PHR	Representação Humana pobre
R	Número de respostas
SumC	Soma de cor cromática
SumH	Soma de conteúdos humanos
SumSomb	Soma de sombreados
SumT	Soma de texturas
SumV	Soma de vista
SumY	Soma de sombreado difuso
CDI	Total de itens marcados no Índice de Déficit Relacional
PTI	Total de itens marcados no Índice de Déficit do Pensamento
WSumC	Soma ponderada de cor
XA%	Proporção de qualidade formal ordinária, incomum ou superelaborada
WDA%	Proporção de qualidade formal ordinária, incomum ou superelaborada em respostas globais e com detalhes comuns
Xu%	Proporção de qualidade formal incomum
X-%	Proporção de qualidade formal menos
Zf	Frequência de Nota Z

INTRODUÇÃO

A presente dissertação intitulada “Características psicológicas de adolescentes que cometeram homicídio” está vinculada ao Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, na linha de pesquisa Psicopatologia Clínica e Psicologia da Saúde. Este estudo foi viável porque contou com o apoio financeiro da Capes/PROSUP. O tema originou-se do interesse em analisar como os adolescentes que cometeram homicídio pensam, sentem e se comportam por meio da avaliação de personalidade.

No ano de 2011, realizamos um projeto de pesquisa denominado Estudo da Personalidade do Adolescente que Cumpre Medidas Socioeducativas Privado de Liberdade, aprovado pelo Comitê de Ética da PUC Goiás sob o Protocolo CAAE 4143.0.000.168-10. O projeto foi elaborado como requisito parcial para conclusão do meu Estágio Supervisionado, do curso de Graduação em Psicologia pela PUC Goiás, sob orientação da Profa. Dra. Ana Cristina Resende e tinha o objetivo de descrever a personalidade do adolescente em conflito com a lei por meio do Método de Rorschach.

Diante dos dados coletados, observou-se que o grupo de adolescentes que cometeu homicídio apresentava algumas características de personalidade – tais como egocentrismo patológico, capacidade de domínio e manipulação do outro, ausência de remorsos ou culpa e insensibilidade afetivo-emocional – que os diferenciavam dos demais adolescentes que haviam cometido outros tipos de crimes menos violentos, como furto e roubo. Este último grupo parecia mais propenso ao descontrole comportamental, à impulsividade e à irresponsabilidade do que o grupo anterior. Deste modo, notamos a necessidade de maior aprofundamento no perfil de personalidade de adolescentes que cometeram homicídio.

É importante esclarecer que o termo “menor” foi usado para referir-se a crianças e adolescentes até 1990. Nesta data surgiu o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) e a partir de então iniciou-se a utilização dos termos “criança” e “adolescente”, os quais passaram a ser considerados pessoas em desenvolvimento e cidadãos de direitos. O ECA surgiu não apenas para proteger e dar direitos aos seus beneficiados, mas também para apontar direitos e deveres, além de responsabilizar penalmente os autores de atos infracionais. O adolescente que comete um ato infracional receberá uma medida socioeducativa que corresponde à natureza e à

gravidade do ato praticado. Segundo o artigo 122 do ECA, ao adolescente poderão ser aplicadas medidas como: advertência; obrigação de reparar o dano; prestação de serviços a comunidade; liberdade assistida; semiliberdade e internação em unidades educacionais. Crianças com até doze anos receberão medidas protetivas caso se envolvam com atos infracionais (Brusius & Gonçalves, 2012).

Também com o surgimento do ECA foram banidas expressões como “menor infrator” e “delinquente juvenil”, surgindo em substituição a expressão “adolescentes em conflito com a lei”. Silva (2002) refere que o termo delinquência juvenil tem a conotação de um quadro estável e duradouro, o que contradiz o entendimento atual sobre o fenômeno da transgressão na adolescência, que indica estado de transição e movimento. Desta forma, o termo adolescente em conflito com a lei pode ser utilizado fornecendo o significado de algo momentâneo e passageiro.

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2002) considera a adolescência como sendo constituída de duas fases, a primeira dos 10 aos 16 anos e a segunda dos 16 aos 20 anos. De acordo com Outeiral (2008), adolescência perpassa três fases: a fase inicial, dos 10 aos 14 anos, na qual se iniciam as transformações corporais; a fase média, dos 14 aos 17 anos, que tem como foco a sexualidade; e a fase final, dos 17 aos 20 anos em que se inicia a passagem para a fase adulta, com a formação de novos vínculos com os pais, as questões profissionais e a aceitação do novo corpo. Já o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (1990) estabelece esta etapa entre 12 e 18 anos.

Assim, a adolescência se caracteriza por variados níveis de mudanças: mudanças corporais, redefinição de papéis sociais, desenvolvimento cognitivo, transições escolares e a emergência da sexualidade (Gacono e Meloy, 1994; Outeiral, 2008; Papalia, Olds, Feldman, 2001). O estado de agitação da adolescência é algumas vezes confundido com ou exacerbado pela psicopatologia. Portanto, as dificuldades psicológicas na adolescência podem evoluir para transtornos psiquiátricos adultos (Petersen, Compas, Brooks-Gunn, Stemmler, Ey, & Grant, 1993).

Weiner e Del Claudio (1976) advertem contra a frequente prática de caracterizar problemas de comportamentos em adolescentes como algo comum do processo de desenvolvimento quando, na verdade, já existe uma psicopatologia grave. Um diagnóstico de problemas de comportamento pode ofuscar o quadro clínico e as subsequentes intervenções de tratamento. Com o adolescente os clínicos devem delinear com cuidado problemas relacionados a um estado provocado pela agitação normal da adolescência ou a características de personalidade. A avaliação do funcionamento da

personalidade é crucial para se identificar, por exemplo, um Transtorno de Conduta ou um Transtorno Desafiador Opositivo (CID-10 - OMS, 1993; APA, 2002) no adolescente e contribuir para o tratamento, prognóstico e outras questões específicas tais como maior probabilidade de se comportar de forma violenta ou para desenvolver um distúrbio grave do pensamento.

A violência praticada por adolescentes nas ruas e nas escolas, noticiada diariamente nos jornais e meios de comunicação, é um problema de saúde pública que pode se beneficiar com investigações de fatores de risco e de fatores protetivos que previnam este tipo de comportamento abusivo (Liu, 2010; Reza, Krug&Mercy, 2001). Alguns jovens apresentam problemas de conduta na primeira infância, que progressivamente aumentam para formas mais graves de agressão antes da adolescência e durante a mesma. Adolescentes que se integram nesta categoria frequentemente cometem atos violentos mais graves do que aqueles que desenvolvem estes comportamentos pela primeira vez na adolescência e, em geral, mantêm este comportamento violento até se tornarem adultos (Moffit, 1993; Tolan & Gorman-Smith, 1998; OMS, 2002; Harrington & Maskey, 2008; Baker, 2008).

Para compreender a realidade de adolescentes em conflito com a lei é fundamental investigar os fatores que contribuem para esta transgressão, ou seja, é necessário considerar capacidades e limitações relacionadas ao desenvolvimento da personalidade, à aquisição de vínculos sociais e habilidades interpessoais, à dinâmica familiar e ao contexto sociocultural (Gauer, Vasconcellos & Davoglio, 2012).

Diante disto, esta dissertação tem a proposta de responder a seguinte questão: existe um perfil de personalidade de adolescentes que cometeram homicídio? Caso exista esse perfil, é importante caracterizá-lo e, caso não exista, analisar as diferentes configurações psicológicas de adolescentes que cometeram esse ato. Para tanto, inicialmente foi encaminhado um ofício para o Juizado da Infância e Juventude de Goiânia solicitando autorização para a realização do projeto de pesquisa intitulado “A Personalidade de Adolescentes que Cometeram Homicídio”. Após autorização deste órgão, o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética e Pesquisa da PUC Goiás e aprovado sob o código CAAE 12868613.2.0000.0037. Em seguida foram realizados contatos com as unidades de atendimento socioeducativo de Goiânia, Goiás que permitiram explicar os objetivos e metodologia da pesquisa e agendar com as coordenadoras as entrevistas iniciais com os adolescentes que cometeram homicídio. Os adolescentes foram contatados pessoalmente e esclarecidos sobre os propósitos da

pesquisa, como também foram esclarecidos a respeito do caráter confidencial e sigiloso que envolvia a participação no estudo. Os adolescentes que concordaram em participar e tiveram o seu Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo C) assinado por um de seus responsáveis foram submetidos de forma individual aos instrumentos (entrevista semiestruturada e o Método de Rorschach) em dois encontros, totalizando 33 participantes. No entanto, a entrevista semiestruturada não foi realizada com todos os adolescentes (N=28), pois cinco deles finalizavam suas sanções socioeducativas e não dispunham de tempo hábil para a realização dos dois instrumentos. Assim, por solicitação do juiz responsável ou da própria instituição, nestes adolescentes foi aplicado somente o método de Rorschach para que as informações dele obtidas constassem no processo individual. Estes adolescentes foram informados e consentiram a aplicação do teste pela pesquisadora para uso no Sistema Socioeducativo.

Destaca-se que vários eventos externos alteraram a programação da coleta de dados como, por exemplo: suspeitas de rebeliões nas unidades; inspeção surpresa da polícia nos alojamentos, impedindo que os adolescentes se movimentem pela unidade por um período do dia ou até mesmo o dia todo; e mudanças de adolescentes para unidades do interior do estado. Destarte, estas variáveis intervenientes dificultaram a participação de mais adolescentes no estudo, visto que esta investigação deveria seguir um cronograma pré-estabelecido para ser finalizada em até 24 meses, tempo disponibilizado para a conclusão desse mestrado.

Os dados preliminares obtidos na coleta de dados permitiram desenvolver estudos que foram publicados e apresentados em congressos e encontros regionais, nacionais e internacionais: “O método de Rorschach aplicado em avaliações de adolescentes que cometeram homicídio: dados preliminares”, publicado na íntegra nos Anais do VIII Encontro Nacional da ABEP, 2011; “Diferentes perfis de personalidade de adolescentes que cometeram homicídio” nos Anais do VI Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Outros Métodos Projetivos, em 2012; “Adolescência e Violência” apresentado no XII Encontro de Produção Científica da Psicologia da PUC Goiás em 2012; “Traços antissociais em adolescentes que cometeram homicídio” e “Predisposição para mudar comportamentos antissociais em adolescentes socioeducandos” apresentado no VI Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica e IX Congresso Iberoamericano de Diagnóstico e Avaliação Psicológica, em 2013; “A personalidade de meninas que cometeram homicídio” apresentado no XIII Encontro de Produção Científica da Psicologia da PUC Goiás também em 2013. O artigo teórico que

constitui a Seção I desta dissertação foi enviado para publicação e está *no prelo* da revista Fragmentos de Cultura, periódico da PUC Goiás.

Visando a construção da dissertação de mestrado, este trabalho está organizado em duas seções. A Seção I, intitulada “Aspectos psicológicos de adolescentes que cometeram homicídio: uma revisão sistematizada” baseou-se em uma revisão bibliográfica sistemática de produções dos últimos dez anos sobre adolescentes que cometeram homicídio. Para isto, foi realizado um levantamento em bases de dados relevantes com artigos nacionais e internacionais: Scielo e Pepsic; a ClinicalKey; a PsycNet; a Science Direct; e, por último, a plataforma online Taylor & Francis. Nesta seção encontram-se o levantamento e a discussão da produção bibliográfica com a temática de adolescentes que cometeram homicídio.

A Seção II, intitulada “Perfis de Personalidade de Adolescentes que Cometeram Homicídio” tem por objetivo caracterizar a personalidade de um grupo de adolescentes que cometeram atos contra a vida de outras pessoas. Participaram deste estudo 33 adolescentes que cumpriam medidas socioeducativas em instituições goianienses. Os adolescentes foram submetidos a uma entrevista semiestruturada e ao Método de Rorschach. Os resultados mostraram que os participantes apresentam configurações psicológicas que os possibilitaram ser agrupados em diferentes perfis. Essa averiguação permite estabelecer tratamentos e abordagens mais adequados a cada tipo de perfil.

Logo, após o desenvolvimento dos dois estudos acima, pôde-se entender de maneira mais aprofundada as características psicológicas que influenciam um jovem a se envolver em um ato tão violento quanto o homicídio. Foi possível obter uma visão sobre o que está sendo produzido com esse tema e, a partir daí, identificar potencialidades e lacunas nas produções, bem como oferecer sugestões para estudos futuros. Além disso, pôde-se compreender melhor como estes adolescentes que praticaram homicídio normalmente pensam, sentem e se comportam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- American Psychiatric Association – APA. (2002). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM-IV-TR (4ª ed.)*. Porto Alegre: Editora Artmed.
- Baker, K. (2008). Conduct disorders in children and adolescents. *Paediatrics and child health*, 19, 73-78.

- Brusius, A., Gonçalves, L. L. (2012). Adolescência e ato infracional: reflexões sobre o sentido da socieducação na privação de liberdade. In: Gauer, J. C., Vasconcelos, S. J. L & Davoglio, T. R. *Adolescentes em conflito: violência, funcionamento antissocial e traços de psicopatia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 183-203.
- Estatuto da Criança e do Adolescente* (1990). Diário Oficial da União. Lei nº. 8069, de 13 de julho de 1990, Brasília.
- Gacono, C. B., & Meloy, J. R. (1994). *The Rorschach assessment of aggressive and psychopathic personalities*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Gauer, J. C., Vasconcelos, S. J. L & Davoglio, T. R. (2012). *Adolescentes em conflito: violência, funcionamento antissocial e traços de psicopatia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Harrington, R., & Maskey, S. (2008). Behavior disorders in children and adolescents. *Children Psychiatry and Developmental Disorders*, 36, 482-485.
- Liu, J. (2010). Early health risk factors for violence: Conceptualization, evidence, and implications. *Aggression and Violent Behavior* 16, 63–73.
- Moffitt, T. E. (1993). Adolescence-limited and life-course persistent antisocial behavior: a developmental taxonomy. *Psychological Review*, 100, 674-701.
- Organização Mundial De Saúde – OMS (1993). *Classificação dos transtornos mentais e de comportamento – CID-10*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- Organização Mundial De Saúde – OMS. (2002). *Relatório Mundial sobre Violência e Saúde*. Genebra: Organização Mundial de Saúde.
- Outeiral, J. (2008). *Adolescer*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Papalia, D., Olds, S. W., Feldman, R. D. (2001) *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artmed.
- Petersen, A., Compas, B., Brooks-Gunn, J., Stemmler, M., Ey, S., & Grant, K. (1993). Depression in adolescence. *Adolescence, American Psychologist*, 48(2), 155-168.
- Reza, A., Krug, E. G., & Mercy, J. A. (2001). Epidemiology of violent deaths in the world. *Injury Prevention*, 7, 104-111.
- Silva, D. F. M. (2002). *O desenvolvimento das trajetórias do comportamento delinqüente em adolescentes infratores*. Unpublished doctoral dissertation. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Tolan, P. H., & Gorman-Smith, D. (1998). Development of serious and violent offending careers. In: LOEBER R.; FARRINGTON, D. P (Eds.). *Serious and violent juvenile offenders: risk factors and successful interventions*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Weiner , I., & Del Claudio, A. (1976). Psychopathology in adolescence: An epidemiological study. *Archives of General Psychiatry*, 33, 187-193.

SEÇÃO I

ASPECTOS PSICOLÓGICOS DE ADOLESCENTES QUE COMETERAM HOMICÍDIO: UMA REVISÃO SISTEMATIZADA

RESUMO

O objetivo do presente estudo foi analisar a produção científica dos últimos dez anos por meio de uma revisão bibliográfica sistemática sobre adolescentes que cometeram homicídio. Para isto, foi realizada uma busca nas seguintes bases de dados com artigos nacionais e internacionais: Scielo e Pepsic; ClinicalKey; PsycNet; Science Direct; e a plataforma online Taylor & Francis, utilizando diferentes combinações entre termos. Foram levantados no total 14 artigos, sendo dois nacionais e 12 internacionais. Os resultados mostraram a prevalência de estudos internacionais (N=12; 85,7%) e empíricos (N=10; 71,4%); a maioria tinha como objetivo analisar características de personalidade nessa população (N=7; 50%); e dentre os estudos empíricos predominaram os que fizeram uso de avaliação psicológica (N=7; 70%). Os estudos com foco no homicídio são escassos quando comparados com pesquisas centradas em outros atos criminais ou na generalização dos atos. O homicídio merece destaque por ser um ato contra a vida de outras pessoas, um ato que assusta a sociedade e tem tido cada vez mais visibilidade na mídia.

Palavras-chave: adolescentes; homicídio; revisão bibliográfica sistemática.

ABSTRACT

This study's purpose was to analyse, by a systematic bibliographic revision of the last ten years, the scientific production regarding adolescents who committed homicide. Therefore, a search has been performed in databases with national and international articles: Scielo and Pepsic; ClinicalKey; PsycNet; Science Direct; and the Taylor & Francis, using different keywords combinations. Was selected a total of 14 articles, two national and 12 international. Results showed the prevalence of international (N=12; 85,7%) and empirical (N=10; 71,4%) studies; the majority had as objective to analyze personality traits in this population (N=7; 50%) and among empirical studies predominated those that made use of psychological assessment (N=7; 70%). Studies focusing homicide are scarce compared to research focused on other criminal acts or acts of generalization. The murder is noteworthy because is an act against the lives of others, an act that scares society and that has been increasingly visible in the media.

Keywords: adolescents; homicide; systematic literature review

INTRODUÇÃO

A adolescência não tem um limite exato de idade para seu início e fim. A demarcação deste período do desenvolvimento pode variar de acordo com a cultura e nível socioeconômico do indivíduo. Para vários autores (Gomes, 2010; Outeiral, 2008; Papalia; Olds & Feldman, 2001), este é um período particularmente vulnerável, de riscos, de reestruturação, marcado por transformações fisiológicas bruscas, por dúvidas e incertezas, pela busca de uma identidade própria, por um tempo de espera, de disponibilidade e pela procura de uma intensa vivência grupal. A adolescência também é um período em que o jovem deve entrar em equilíbrio e se tornar autônomo já ao final desta fase, por volta dos vinte e poucos anos, quando o desenvolvimento dos aspectos cognitivos e afetivos já está amplamente realizado (Baltes, 1987).

É importante destacar que a adolescência normal é definida pela sociedade, comunidade ou até mesmo dentro de um contexto familiar. Atualmente, os valores familiares e sociais são mais flexíveis do que aqueles de gerações anteriores. Por exemplo, há mais tolerância com a gravidez na adolescência, com uso de drogas e até mesmo com pequenos delitos que podem gerar grandes problemas, como dar gorjeta para policiais, fazer fofocas ou mentir, dirigir levemente alcoolizado, jogar lixo nas ruas, dirigir em velocidade superior à permitida e esquecer de pagar pequenas dívidas pessoais (Cecarelli, 2010; Nascimento, Resende & Ribeiro, no prelo).

Deve-se cuidar para que um estado normal de agitação da adolescência não seja confundido com psicopatologia. Por outro lado, também não se pode ignorar que as dificuldades psicológicas na adolescência possam evoluir para transtornos psicológicos graves na vida adulta. Logo, manifestações de crises mais intensas podem ser consequências de algum distúrbio subjacente que já estava presente, mas pouco evidente em fases anteriores (Petersen, Compas, Brooks-Gunn, Stemmler, Ey, & Grant, 1993).

Considerando a adolescência no contexto da violência, o cenário nacional oferece crescente visibilidade para os crimes bárbaros cometidos por adolescentes. Atos violentos protagonizados por esses jovens têm tido cada vez mais impacto na sociedade, na mídia e nas políticas públicas (Paludo, 2011; Liu, 2010).

O Relatório Mundial sobre a Violência e a Saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS 2002) definiu a violência como a ação de uma pessoa com atribuição de força física ou de poder, real ou em ameaça, contra si mesmo, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, de forma intencional, que resulte ou tenha

possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.

Estudiosos da Psicanálise (Schmidt, 2009; Marty, 2010; Levisky, 2000) entendem que os adolescentes que demonstram maior dificuldade de encontrar meios de expressar os seus intensos sentimentos podem estar reprimindo seus afetos e emoções. Quase tudo o que é reprimido em termos de emoções será exteriorizado de alguma forma. Assim, esta constrição afetiva poderia se transformar em dor, angústia, ansiedade, expressões psicossomáticas, tristeza, depressão e melancolia, como também vir associada a comportamentos violentos. A demonstração da violência para os adolescentes seria uma via de expressão rápida na busca da satisfação imediata dos desejos, a qual não passa pelo crivo do bom senso de antecipar as reais consequências de seus atos. Com frequência, os adolescentes refletem somente depois de a ação ter sido realizada.

Outros autores (Schmitt, Pinto, Gomes, Quevedo & Stein, 2006; Patterson, Reid & Dishion, 1992), ao estudar o desenvolvimento de adolescentes com comportamentos mais violentos do que os demais, entendem que a violência nessa fase se dá principalmente pela incidência de maus tratos e abusos físicos, sexuais e emocionais durante a infância. As práticas educativas parentais inadequadas seriam os primeiros determinantes do comportamento inadequado na adolescência.

A violência na adolescência deve ser considerada juntamente com outros comportamentos problema. Alguns jovens apresentam problemas de conduta na primeira infância, que progressivamente aumentam para comportamentos mais graves antes da adolescência e durante a mesma, como abandono da escola, uso e abuso de substâncias psicoativas, mentira compulsiva, direção imprudente, envolvimento com gangues entre outros. Adolescentes que se encaixam nesses tipos de desvios de condutas cometem os atos violentos mais graves e, em geral, estão mais predispostos a manter este comportamento violento até se tornarem adultos do que aqueles que desenvolvem esses comportamentos pela primeira vez na adolescência (OMS, 2002; Baker, 2008).

A Constituição Federal (1988), no art. 288, indica que com idade até dezoito anos a pessoa será considerada inimputável. Contudo, inimputabilidade, nesse caso, não significa impunidade. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) define formas de responsabilização pelos atos cometidos por adolescentes, com idades entre doze e dezoito anos, que serão sujeitos a medidas socioeducativas. Crianças com até doze anos que cometem algum tipo de delito estão sujeitas a medidas de proteção previstas no art.

101 do ECA, tendo um tratamento diferenciado junto à família e à comunidade, evitando-se, ao máximo, a privação da liberdade.

É considerado ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal, conforme o art. 103. De acordo com o art. 122, a medida de internação só poderá ser aplicada quando: tratar-se de ato infracional cometido mediante grave ameaça ou violência a pessoa; por reiteração no cometimento de outras infrações graves; ou por inadimplência frequente e injustificável de alguma medida anteriormente imposta, como: prestação de serviços à comunidade, liberdade assistida ou regime de semiliberdade (ECA, 1990).

O homicídio se caracteriza como um ato violento em que ocorrem lesões fatais infligidas por outra pessoa com a intenção de ferir ou matar (Reza, Krug & Mercy, 2001). Trata-se de um crime de ação livre no qual o agente pode praticá-lo por qualquer meio, seja ele direto (por ação direta contra a vítima: disparo de arma de fogo, golpe de arma branca, envenenamento, transmissão de vírus letais), indireto (coaçoão ao suicídio, açular um cão contra a pessoa que se quer matar), por meios morais ou psíquicos (o agente utiliza o estado de medo ou de emoção súbita para alcançar o seu objetivo) e por omissão (abstenção do dever jurídico de agir) (Souza, 2004). No caso de homicídio cometido por adolescentes, o ECA (1990) estabelece critérios de internação, ou seja, a lei estipula que o jovem será privado de liberdade se ele tiver recorrido a ameaça ou a violência contra terceiros.

O presente estudo realiza uma revisão da literatura com o propósito de descrever que tipos de estudos estão sendo desenvolvidos com adolescentes que cometeram homicídio. A partir desta revisão buscou-se: levantar a quantidade de estudos, considerando os anos de publicação e o tipo de artigo, revisão teórica ou empírico; classificar se o estudo é nacional ou internacional, descrevendo em qual revista o estudo foi publicado; investigar os objetivos de cada estudo; analisar as amostras avaliadas, levando em consideração a quantidade, idade e gênero dos participantes; fazer um levantamento dos estudos que realizaram avaliação psicológica e os tipos de instrumentos e/ou técnicas utilizados; e verificar quais foram os principais resultados encontrados nesses estudos científicos.

Pesquisas com jovens que se envolveram em atos criminais podem contribuir para o desenvolvimento de estratégias de intervenções para minimizar a trajetória grave e persistente desse tipo de comportamento antissocial (Forth, Kosson, & Hare, 2003; Vieira, Fay & Neiva-Silva, 2007).

MÉTODO

Delineamento do estudo

Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica sistemática, o qual utiliza métodos explícitos e sistematizados de busca na literatura científica, com a realização de apreciação crítica e síntese das informações selecionadas (Sampaio & Mancini, 2007).

Materiais

A presente revisão foi realizada mediante busca eletrônica de artigos nacionais e internacionais indexados em cinco bases de dados científicos: a base de dados da Biblioteca Virtual de Saúde – Psicologia Brasil (BVS-PSI), as bases Scielo e Pepsic; a ClinicalKey; a PsycNet, os artigos encontrados nas bases da PsycInfo e PsycArticles; a base Science Direct; e, por último, a plataforma online Taylor & Francis de publicações acadêmicas. Estas bases de dados científicos foram selecionadas pela grande expressão apresentada no meio científico, com acervo extenso de estudo da área da saúde e Psicologia.

Procedimentos

As consultas às bases de dados foram efetuadas no período de junho a dezembro de 2012. Nas bases de dados nacionais foram consultadas as seguintes palavras-chave: “homicídio” somente, “homicídio e adolescência” combinadas; depois os termos “Transtorno de personalidade antissocial” e “Transtorno de conduta” também pesquisados de forma independente. Nas bases de dados internacionais foram utilizadas as seguintes palavras-chave isoladamente: “adolescent offender”; “juvenile homicide”; “juvenile murder”; “adolescent murderer”, e as combinações dos termos: “antissocial personality disorder and adolescent”; “homicide and adolescent”. A Tabela 1, que se encontra no Anexo A, expõe os artigos encontrados e os selecionados com cada palavra-chave nas bases de dados onde foram realizadas a coleta de dados.

Optou-se pela utilização dos termos supracitados levando em consideração sua freqüente reincidência na literatura científica ao abordar o adolescente que cometeu homicídio.

A amostra compreendeu somente os artigos publicados em periódicos e, inicialmente, foi realizado um levantamento preliminar por meio da leitura dos resumos.

Os critérios de inclusão para seleção dos artigos foram: a) estar nas bases de dados consultadas; b) nacionais ou estrangeiras; c) escritos em português ou inglês; d) ter sido publicado nos últimos dez anos (2003-2012); e) estudos relacionados a pessoas entre 14 a 21 anos; f) estudos relativos a adolescentes que cometeram homicídio.

Os critérios de exclusão foram: a) amostra composta por sujeitos adultos ou crianças; b) estudos nos quais os temas principais abrangem outros atos infracionais como: roubo, tráfico, crime sexual, uso e abuso de drogas, farmacologia, vítima de atos infracionais, suicídio, bullying; e outros transtornos como: TDAH, transtornos alimentares, transtornos do sono, transtornos de estresse e transtornos psicóticos; c) ser reincidentes nas bases.

Em seguida, os artigos que permaneceram, considerando os critérios de inclusão e exclusão, foram recuperados na íntegra e classificados de acordo com as seguintes dimensões de análise: 1) quantidade de estudos; 2) artigos nacionais ou internacionais; 3) ano de publicação; 4) tipo de artigo: revisão teórica ou empírico; 5) objetivos; 6) amostra: quantidade, idade e gênero; 7) levantamento dos estudos que utilizaram avaliação psicológica e tipo de instrumento utilizado; 8) resultados e considerações finais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando as bases de dados nacionais, foram encontrados 264 artigos, sendo 48 procedentes da base de dados *Pepsic* e 216 da base *SciELO*. Após a leitura dos resumos, foram qualificados apenas aqueles que atendiam aos critérios de inclusão e exclusão. Assim, permaneceram apenas dois artigos, o que equivale a 14,3% de todos os artigos recuperados.

Nas bases de dados internacionais foram identificados 3475 artigos, entre os quais 2281 provenientes da *ClinicalKey* e 410 da *PsycNet*. Após a leitura dos resumos permaneceram três e seis artigos respectivamente. Na *Science Direct* foram levantados 485, mas apenas dois deles eram pertinentes a este estudo. No que diz respeito à plataforma online *Taylor & Francis*, 299 trabalhos foram listados, mas permaneceu somente um após a leitura criteriosa dos resumos. Ao total foram recuperados 12 artigos nas bases internacionais pesquisadas, ou seja, 85,7% de todos os artigos qualificados para o estudo.

Ao final, foram levantados 14 artigos publicados nos últimos dez anos, em bases de dados científicas, que investigavam aspectos psicológicos de adolescentes que

cometeram homicídio, sendo 14,3% (N=2) deles provenientes de bases nacionais, e 85,7% (N=12) de estudos que foram localizados nas bases de dados internacionais. O detalhamento dos artigos encontrados e selecionados em relação a cada palavra-chave se encontra no Anexo A.

Observa-se que houve uma grande disparidade entre os artigos encontrados daqueles selecionados. Nas bases de dados nacionais, foram utilizadas cinco palavras-chaves e uma combinação entre palavras: homicídio; homicídio e adolescência; Transtorno de personalidade antissocial e Transtorno de conduta. Destes termos utilizados, apenas a combinação entre homicídio e adolescência está totalmente relacionada ao tema deste estudo. E com esta combinação pôde-se encontrar 12 estudos, e destes foram selecionados dois artigos nacionais, citados anteriormente. Os outros termos utilizados abriram brecha para que fossem encontrados estudos com focos diversos, como adolescentes que cometeram outros atos e adultos que cometeram homicídio, por exemplo.

Nas bases internacionais, apesar de serem utilizadas palavras-chave diretamente relacionadas aos adolescentes que cometeram homicídio, os estudos selecionados também foram raros, 12 ao total, considerando o montante de 3475 artigos iniciais. Percebeu-se que antes da seleção final, a base ClinicalKey continha a maioria dos artigos (N=2281). É importante ressaltar que esta base tem como principal área de pesquisa a medicina e, por isso, os artigos tinham como cerne questões como farmacologia, uso e abuso de drogas e outros transtornos na adolescência. Outro dado que explica a presença de inúmeros estudos nesta base de dados é a impossibilidade de se utilizar aspas nas palavras-chaves compostas de dois termos diferentes, como: *adolescent offender*; *juvenile homicide*; *juvenile murder*; *adolescent murderer*. Assim, a busca foi ampliada pra ambos os termos, desviando o foco do homicídio na adolescência. As demais bases de dados, apesar de apresentarem estudos na área da Psicologia, dispõem de poucos estudos que cujas características são concernentes aos critérios de inclusão deste artigo.

Infere-se que a grande discrepância entre o número de artigos encontrados inicialmente e a quantidade final de referências consideradas para este estudo ocorreu devido aos critérios bem específicos de inclusão e exclusão, bem como em função do número de artigos repetidos nas bases de dados. Além disso, observa-se que artigos que enfocam especificamente o homicídio cometido por adolescentes são raros na literatura científica tanto nacional quanto internacional. A reduzida produção de estudos sobre

este tema é um dado que torna o presente estudo *sui generis* ou incomum, fato que revela a necessidade de ampliar o conhecimento nesta área tão específica da violência praticada por adolescentes.

Em relação ao ano de publicação (Figura 1), observa-se um pequeno aumento entre os anos de 2008 a 2010. Esta dimensão de análise não é muito significativa, visto que o aumento entre os anos é pequeno, variando de um a dois artigos.

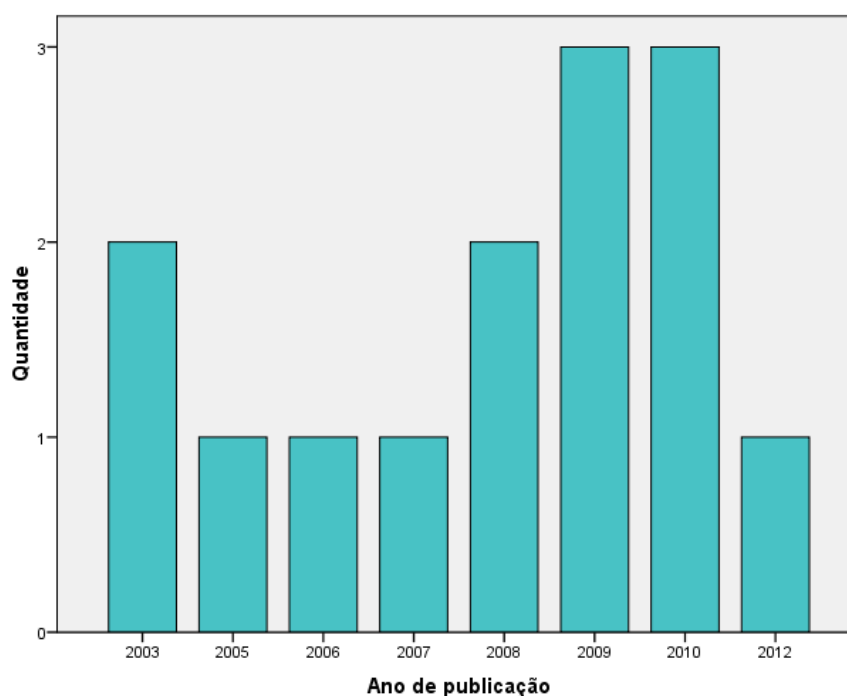


Figura 1 Evolução do número de publicações nos últimos dez anos

Com relação ao tipo de produção dos artigos encontrados, constata-se que a maioria dos estudos são empíricos (N= 10, 71,4%) e 28,6% dos estudos (N=4) são revisões da literatura, sendo que deste total de revisões, apenas um artigo (7,1%) utilizou método sistematizado de busca na literatura científica. Uma maior quantidade de estudos empíricos em relação aos de revisão demonstra a preocupação dos pesquisadores com o tema, assim como com a realidade atual em que há, na sociedade, aumento de atos infracionais graves como o homicídio envolvendo adolescentes, como relataram Paludo (2011) e Liu (2010). Os estudos empíricos propiciam o contato próximo, a vivência do tema. No que tange às referências de revisão da literatura, ainda são pouco frequentes estudos que apresentam sistematização no método de busca. Este tipo de investigação permite integrar as informações de um conjunto de estudos com a mesma temática, indicando resultados importantes e temas em evidência e auxiliando inclusive em investigações futuras (Sampaio; Mancini, 2007).

Na análise dos objetivos principais dos estudos foi possível categorizá-los em quatro dimensões: 1) aspectos criminais: estudos que investigaram o tipo de crime, instrumentos utilizados, vítimas, local e histórico de infrações do adolescente (N=1, 7,1%); 2) características de personalidade: traços psicológicos, comportamento agressivo, traços de psicopatia, transtorno de conduta, em adolescentes dos sexos masculino e feminino (N=7, 50%); 3) fatores de risco para engajamento em ato infracional: fatores comportamentais e individuais, sociais, familiares e biológicos (N=3, 21,4%); e 4) estudos comparativos entre grupos: adolescentes que cometeram homicídio e adolescentes que cometeram atos não graves, jovens que cometeram parricídio e jovens que assassinaram outras vítimas e adolescentes que cometeram ato contra a vida e adultos que cometeram o mesmo ato. (N=3, 21,4%).

Destes estudos, três (21,4%) apresentaram objetivos secundários que, por isso, se classificaram em mais de uma categoria: estudos relacionados a características de personalidade realizando comparação entre grupos (N=2, 14,3%); e um estudo (7,1%) cujo objetivo foi avaliar fatores de risco e aspectos criminais na amostra.

Na análise destes dados, observou-se que a grande maioria dos estudos (50%) propôs como objetivo avaliar características de personalidade em amostras de adolescentes envolvidos com a violência. Tal constatação indica a preocupação dos pesquisadores em avaliar principalmente como esses jovens pensam, sentem e se comportam. Entende-se que pesquisas com essa temática corroboram para o desenvolvimento de estratégias de intervenções e encaminhamentos para essa população, possibilitando, inclusive, minimizar a direção grave e constante do comportamento inadequado (Forth, Kosson & Hare, 2003).

A Tabela 2 apresenta a relação entre objetivos com o tipo do estudo: revisão ou empírico e origem: nacional ou internacional. Tanto nos estudos nacionais e internacionais, quanto nos estudos de revisão e empírico, prevalecem os artigos que têm como objetivo avaliar aspectos de personalidade. Nas referências nacionais e de revisão da literatura, não foram selecionados estudos com as propostas de analisar características criminais e comparar grupos.

Tabela 2 Relação entre objetivos com tipo de estudo e origem

Objetivos	Nacional ou Internacional		Total Nac+Int	Revisão Teórica ou Empírico		Total Rev+Emp
	Nacional	Internac.		Revisão Teórica	Estudo Empírico	
Aspectos Criminais	0 (0%)	1 (7,1%)	1 (7,1%)	0 (0%)	1 (7,1%)	1 (7,1%)
Característ. de Personalidade	2 (14,3%)	5 (35,7%)	7 (50%)	2 (14,3%)	5 (35,7%)	7 (50%)
Fatores de Risco	0 (0%)	3 (21,4%)	3 (21,4%)	2 (14,3%)	1 (7,1%)	3 (21,4%)
Estudos comparativos	0 (0%)	3 (21,4%)	3 (21,4%)	0 (0%)	3 (21,4%)	3 (21,4%)
Total	2 (14,3%)	12 (85,7%)	14 (100%)	4 (28,6%)	10 (71,4%)	14 (100%)

O tamanho das amostras utilizadas nos estudos empíricos variou de 2 (estudos de caso) a 363 sujeitos. A maior parte dos estudos utilizou amostras de até 99 participantes (N=6, 60%); as amostras de dois estudos (20%) tiveram entre 100 e 199 participantes; e em outros dois estudos (20%) a quantidade de participantes foi maior que 200 participantes.

A média de idade dos participantes dos estudos variou de 15 a 17,6 anos. Dois estudos (20%) apresentaram amostra com média de idade entre 15,1 e 15,5. A maioria dos estudos indicou idade média da amostra variando entre 16 e 16,9 anos de idade (N=5, 50%). E outros três trabalhos (30%) foram realizados com adolescentes acima de 17 anos.

Com relação ao gênero dos sujeitos das pesquisas, predominaram os estudos que utilizaram em suas amostras adolescentes de ambos os sexos (N=5; 50%). É importante ressaltar que em todas estas amostras predominaram claramente os adolescentes do sexo masculino. Quatro estudos apresentaram como sujeitos apenas jovens do sexo masculino (40%) e um estudo (10%) propôs estudar meninas.

Quanto ao tamanho das amostras, é evidente que a maioria dos estudos utilizou amostras de até 99 sujeitos. Esta análise não implica diretamente a qualidade das investigações em questão, portanto, em estudos com números maiores de sujeitos

podem-se obter amostras representativas de parte significativa dessa população. Em relação à idade destes jovens, predominaram as pesquisas de amostras com sujeitos de 16 anos. Prevaleram ainda os estudos com adolescentes de ambos os sexos, o que pode indicar que, apesar de ainda predominar o sexo masculino no envolvimento de atos infracionais, meninas estão também, cada vez mais, envolvidas inclusive em atos mais graves como o homicídio.

É relevante destacar que, destes cinco estudos incluindo meninas e meninos na amostra, apenas um (20%) destacou as diferentes características psicológicas entre os sexos. Esta pesquisa demonstra que meninas que cometeram homicídio se diferem dos meninos especialmente em relação à vítima e o motivo do ato. Elas tendem a cometer mais parricídio (homicídio contra uma das figuras parentais) do que adolescentes do sexo masculino. A vítima que mais se destacou foi o pai e o motivo do ato predominante foram abusos físicos, cometidos pelas vítimas contra as adolescentes durante a infância. Quanto às características psicológicas, meninas apresentam mais sinais de ansiedade, depressão, ideação suicida, raiva e irritabilidade do que os meninos.

Ao levantar os artigos que fizeram o uso de avaliação psicológica ou psiquiátrica nos estudos empíricos (N=10), 3 artigos (30%) fizeram o uso de entrevista psiquiátrica forense não estruturada e 7 (70%) utilizaram avaliação psicológica.

Entre os estudos que realizaram avaliação psicológica nos participantes, um estudo (10%) administrou apenas entrevista psicológica, um outro (10%) empregou somente testes de auto relato – o Massachusetts Juvenile Screening Instrument (MAYSI-2) e Supervision Risk Classification Instrument (SRCI). Outro estudo (10%) aplicou uma entrevista estruturada para fins de diagnóstico psiquiátrico (KIDDIE-SADS-E) e instrumentos de auto relato: Inventário Beck de Depressão (BDI), Post-traumatic Stress Disorder-Reactivity Index (CPTSD-RI) e Dissociation Questionnaire (DIS-Q). Dois estudos (20%) utilizaram como instrumento a Escala Hare de Psicopatia: Revisada (PCLR), sendo este instrumento categorizado como entrevista semiestruturada (com o participante) e instrumento de hetero relato (os dados são coletados por outras fontes, como: pais ou responsáveis). Interessante ressaltar que ambos os estudos utilizaram a PCL versão adultos e não a PCL:YV Escala Hare de Psicopatia Versão Jovens. Um destes estudos, internacional, justificou usar a versão adulto por ter realizado uma comparação entre adolescentes e adultos como proposta. Já o outro estudo, nacional, justificou o uso da versão para adultos porque a PCLYV não é validada para o Brasil. Um estudo nacional (10%) empregou uma entrevista semiestruturada e o Método de

Rorschach como instrumentos de coleta de dados. Um último estudo (10%) utilizou seis instrumentos de auto relato [Antisocial Behavior Checklist (ABC); Aggression Questionnaire (AQ); Barratt Impulsiveness Scale (BIS-11); Antisocial Attitudes Scale (AAS); The Adolescent Alcohol Involvement Scale (AAIS); Rutgers Alcohol Problem Index (RAPI)], e uma escala de hetero relato: Antisocial Process Screening Device (APSD), instrumento no qual as características dos participantes eram relatadas por membros da equipe da instituição que se encontravam frequentemente com os jovens.

Os resultados e considerações de cada um dos estudos, bem como as revistas em que foram publicados estão expostos abaixo na Tabela 3.

Tabela 3 Resumo das informações dos objetivos e resultados e indicação do nome dos autores, ano de publicação e revista.

Autores Ano de Publicação	Revista	Objetivos	Resultados e Considerações
Souza, C. C., Resende, A. C. (2012)	Avaliação Psicológica	Avaliar características de personalidade de adolescentes que cometeram furto e homicídio	O adolescente que cometeu furto demonstrou aspectos de personalidade relacionados a Transtorno mental. A adolescente que cometeu homicídio revelou traços antissociais típicos de um Transtorno de Conduta, no caso dela qualquer tipo de tratamento psicológico muito convencional não apresenta respostas satisfatórias.
Buyuk, Y, Kurnaz, G., Eke, S. M., Ankarali, H. C. e Oral, G. (2010)	Journal Fam Violence	Discutir as características que diferem adolescentes que cometerem parricídio de adolescentes que cometeram homicídio com outras vítimas, em termos de motivo do crime e histórico de abuso.	A principal diferença encontrada em adolescentes que cometeram parricídio e adolescentes que cometeram homicídio em outras pessoas foi o motivo: abuso na família, especialmente físico. Poucos receberam diagnóstico de psicose.
Rodway, C. et al. (2010)	Journal of Adolescence	Descrever características sociais, comportamentais e criminais de adolescentes que cometeram homicídio	A maioria dos agressores era do sexo masculino, utilizou no ato um instrumento afiado, já havia cometido outras agressões, feito uso de álcool e drogas, foi abusado na infância, tinha dificuldade de aprendizagem.

Autores Ano de Publicação	Revista	Objetivos	Resultados e Considerações
Viljoen, J. L., MacDougall E. A; M., Gagnon, N. C., e Douglas, K. S. (2010)	Psychology, Public Policy and Law	Examinar as evidências de traços de psicopatia em casos envolvendo adolescentes nos EUA e no Canadá	A evidência de traços de psicopatia foi associada a dificuldade ou impossibilidade do tratamento. A ausência dessa psicopatologia foi interpretada como um sinal de características de personalidade menos grave.
Heide, K. M.; Solomon, E. P. (2009)	International Journal of Law and Psychiatry	Analisar participação de adolescentes do sexo feminino no homicídio, explicitando a dinâmica biológica e psicológica que explica esse comportamento	Os maiores fatores de risco para envolvimento em atos infracionais foram o traumatismo ocasionado por lesões neurológicas, o abuso e negligência parental
Lindberg, N. et al. (2009)	BioMed Central Psychiatry	Avaliar traços de psicopatia em adolescentes que cometeram homicídio quando comparados com adultos que cometeram o mesmo ato	Em termos de características antissociais, os adolescentes não apresentaram diferenças significativas com relação aos adultos no PCL-R
Roe-sepowitz, D. E. (2009)	Journal of Interpersonal Violence	Explorar as diferenças entre meninas e meninos em relação a características individuais, familiares e criminais	Meninas se diferem dos meninos por apresentarem características como: abuso infantil, ideação suicida, depressão, raiva, irritabilidade, ansiedade
Dicataldo, F.; Everett, M. (2008)	International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology	Analisar se adolescentes que cometeram homicídio diferem de outros adolescentes violentos que não cometeram esse ato.	Os adolescentes que cometeram homicídio se destacaram dos adolescentes que não cometeram esse ato, especialmente pelo porte de arma de fogo e uso de substâncias no momento do crime
Fritz, M. V. et al. (2008)	International Journal of Law and Psychiatry	Analisar características antissociais através da APSD (Escala de Processo Antissocial), e comparar esses traços em adolescentes com níveis diferentes de traços psicopáticos	A agressão física e problemas relacionados com o álcool estão diretamente relacionados ao aumento do nível de violência e psicopatia
Hamerlynck, S. MJJ et al (2007)	Psychiatry Research	Investigar agressividade e psicopatologia e a relação entre essas duas condições	Adolescentes que apresentam maior agressividade tem relações elevadas com Transtorno Opositivo Desafiador, Transtorno de Conduta, Transtorno de uso de substâncias, Transtorno de Estresse Pós Traumático, Suicídio.

Autores Ano de Publicação	Revista	Objetivos	Resultados e Considerações
Hagelstam, C.; Häkkinen, H. (2006)	Forensic Science International	Investigar características do crime	O uso da violência múltipla e excessiva foi significativamente relacionada com a idade do infrator (17anos), outros crimes, relação com a vítima (maioria era conhecido) e abuso de substâncias.
Schmitt, R., Pinto, T. P., Gomes, K. M., Quevedo, J. e Stein, A. (2006)	Revista Psiquiatria Clínica	Investigar a prevalência de traços de psicopatia entre adolescentes autores de atos infracionais contra a vida, comparando-os aqueles que cometeram outros atos	Adolescentes que cometeram homicídio demonstraram traços de psicopatia e índice de reincidência criminal aumentados quando comparado com outros adolescentes
Heide, K. M. (2003)	International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology	Sintetizar os achados clínicos e empíricos da literatura relacionados a adolescentes que cometeram homicídio, como fatores de risco, e como estratégias de intervenção,	Vários fatores de risco foram relacionados diretamente ao envolvimento em atos criminais, como baixo rendimento acadêmico, doença mental, baixa auto estima, ser vítima de abuso e maus tratos, uso de álcool e drogas, participação de gangues
Wilson, P.; Norris, G.. (2003)	Psychiatry, Psychology and Law	Explorar a relação entre transtorno de conduta e a crueldade com animais	Maltratar animais é um comportamento que está relacionado com Transtorno de Conduta.

No que tange aos resultados e considerações finais, os artigos que tinham como objetivo primário ou secundário descrever os aspectos do crime (N=3; 21,4%), apontam que a maioria dos atos analisados teve um adolescente do sexo masculino como autor e que as meninas tendem a cometer o ato contra pessoas próximas, como os pais ou amigos quando comparadas com meninos. Os instrumentos mais frequentes utilizados nos crimes foram armas de fogo e objetos pontiagudos e todos os estudos mencionaram que a grande maioria dos jovens já apresentava histórico de outros atos anteriores ao homicídio.

Os artigos com intuito de avaliar características da personalidade em adolescentes (N=7, 50%) demonstraram, de uma forma geral, os aspectos da personalidade e do comportamento dos jovens que estão relacionados com traços de psicopatia, transtorno de conduta, aumento da agressividade, histórico criminal, uso de

substâncias, negligência parental, abuso físico na infância, relações com outros transtornos, transtorno desafiador opositivo, transtorno de estresse pós-traumático.

Considerando os artigos que investigaram os fatores de risco que influenciam no comportamento infracional (N=3, 21,1%), foram ressaltados especialmente os aspectos comportamentais e individuais, os socioambientais e os biológicos. Entre os aspectos comportamentais e individuais mais destacados foram: o baixo rendimento escolar, a baixa auto estima, a impulsividade, a raiva, os problemas de conduta na escola, o uso de álcool e de drogas. Os fatores socioambientais que mais favoreciam tais comportamentos inadequados foram: a negligência dos pais, presenciar conflitos familiares com frequência, a relação com parceiros que também apresentavam condutas antissociais, a participação em gangues, ser vítima de abusos e maus tratos. Os fatores de riscos mais citados do ponto de vista biológico foram: nutrição deficitária pré e pós natal, ser exposto a substâncias durante o período intrauterino, complicações no parto, deficiências neurológicas e lesão cerebral.

Ao analisar as pesquisas que tiveram como objetivo, primário ou secundário, a comparação de diferentes grupos que cometeram atos infracionais (N=5; 35,8%), foram consideradas as seguintes contraposições: adolescentes que cometeram homicídio com adolescentes que cometeram outros atos transgressivos; e adolescentes que cometeram parricídio com aqueles autores de homicídio. Em pesquisas em que foram comparados adolescentes que cometeram homicídio com aqueles que cometeram outros atos, os que cometeram atos contra vida se destacaram por apresentar traços antissociais, maior reincidência criminal, comportamentos violentos relacionados a agressões físicas, uso de álcool e outras substâncias no momento do ato e porte de arma. Ao comparar adolescentes que cometeram parricídio com autores de homicídio, os sujeitos que atentaram contra a vida dos pais revelaram diferença no motivo do ato: o abuso na família, especialmente abusos físicos. E adolescentes do sexo masculino apresentaram maior predição para reincidência criminal quando comparados com meninas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados encontrados nesta pesquisa proporcionaram ampliação do conhecimento sobre a condição atual dos estudos envolvendo adolescentes e violência, especialmente o homicídio praticado por estes jovens. Ao traçar um perfil da produção científica na área, podem-se fornecer subsídios para a realização de novas pesquisas,

especialmente aquelas com foco no tratamento e encaminhamento destes jovens prestes a reingressarem na sociedade.

Conforme Minayo e Souza (2003), a produção intelectual sobre violência no Brasil tem avançado nos últimos dez anos, embora seja ainda insignificante se comparada ao plano internacional. Constata-se também que a maioria dos trabalhos se limita a descrever os problemas e apresentar propostas de solução, sem fazer uma abordagem compreensiva e buscar na subjetividade o conhecimento ou pelo menos o questionamento quanto aos motivos e sentimentos que levaram esses meninos e meninas a cometer tais atos infracionais.

Estudos com foco no homicídio são extremamente escassos quando comparados com pesquisas centradas em outros atos criminais ou na generalização dos atos. O homicídio merece destaque por ser um ato contra a vida de outras pessoas, um ato que assusta a sociedade e tem tido cada vez mais visibilidade na mídia.

Ressalta-se a necessidade de maior investimento em estudos com essa temática no meio nacional, especialmente estudos que abordem a personalidade desses jovens. De acordo com Hutz e Bandeira (2003), há uma necessidade de estudos e desenvolvimento de testes psicológicos para a população brasileira em situações de risco que atenda a demandas sociais relevantes.

Na análise dos estudos selecionados nas bases de dados, foram verificadas variadas características comportamentais e psicológicas das amostras de adolescentes. Estes dados podem contribuir para pesquisas futuras que visam avaliar estes aspectos nessa população, bem como traçar propostas de orientações. Diante disso, sugere-se que estudos futuros discriminem as diferentes necessidades e déficits psicológicos em adolescentes que cometeram homicídio. O ideal seria entender melhor como esse grupo funciona, pensa, sente e se comporta, tanto quanto compreender os aspectos acima com mais cautela para que estes adolescentes não sejam considerados parte de um grupo de características homogêneas. Importante também seria compreender as motivações destes adolescentes para se envolverem com atos infracionais violentos. Acredita-se que as diferentes motivações apresentadas por eles, juntamente com as diferentes necessidades psicológicas indicarão diferentes intervenções e encaminhamentos.

Finalmente, é importante destacar a importância de estudos de revisão sistemática de adolescentes que se envolveram em atos infracionais graves, uma vez que nos permitem conhecer a situação atual da área, bem como a evolução desta situação, auxiliando e incentivando pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baltes, P. B.(1987). Theoretical propositions of life-span developmental psychology: On the dynamics between growth and decline. *Developmental psychology*, 23(5), p. 611.
- Baker, K. (2009) Conduct disorders in children and adolescents. *Paediatrics and Child Health*, 19 (2), p. 73-78.
- Buyuk, Y., Kurnaz, G., Eke, S. M., Ankarali, H. C., & Oral, G. (2011). Medico-Legal Evaluation of Adolescent Parricide Offenders: Thirty Nine Cases from Turkey. *Journal of Family Violence*, 26(1), 1-7.
- Cecarelli P. R. (2010) - A patologização da normalidade. *Estudos de Psicanálise – Aracaju*, 33, 125-136.
- DiCataldo, F., & Everett, M. (2008). Distinguishing juvenile homicide from violent juvenile offending. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 52(2), 158-174.
- Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). *Diário Oficial da União*, Lei nº. 8069, de 13 de julho de 1990, Brasília, 1990.
- Forth, A. E., Kosson, D. S., & Hare, R. D.(2003) *Hare psychopathy checklist: Youth version (PCL: YV)*. Toronto: Multi-Health Systems
- Fritz, M. V., Wiklund, G., Kuposov, R. A., Afklinteberg, B., & Ruchkin, V. V. (2008). Psychopathy and violence in juvenile delinquents: what are the associated factors? *International journal of law and psychiatry*, 31(3), 272-279.
- Gomes, C. A. (2010) A Inflação da adolescência. In: Amparo, D.; Almeida, S.; Brasil, K. & Marty, F. (Org). *Adolescência e violência: teorias e práticas nos campos clínicos, educacional e jurídico*. Brasília: Liber: Universidade de Brasília, p. 125-147.
- Hagelstam, C., & Häkkänen, H. (2006) Adolescent homicides in Finland: offence and offender characteristics. *Forensic science international*, 164(2), p. 110-115.
- Hamerlynck, S. MJJ et al. (2007) Aggression and psychopathology in detained adolescent females. *Psychiatry research*, 159(1), p. 77-85
- Heide, K. M. (2003) Youth homicide: A review of the literature and a blueprint for action. *International journal of offender therapy and comparative criminology*, 47 (1), p. 6-36.
- Heide, K. M., & Solomon, E. P. (2009). Female juvenile murderers: Biological and psychological dynamics leading to homicide. *International journal of law and psychiatry*, 32(4), 244-252.

- Hutz, C. S., & Bandeira, D. R. (2003). Avaliação Psicológica no Brasil: situação atual e desafios para o futuro. Em Yamamoto, O. H. & Gouveia, V. V. (Orgs.), *Construindo a psicologia brasileira: desafios da ciência e prática psicológica*. p. 261-275, São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lindberg, N., Laajasalo, T., Holi, M., Putkonen, H., Weizmann-Henelius, G., & Häkkänen-Nyholm, H. (2009). Psychopathic traits and offender characteristics – a nationwide consecutive sample of homicidal male adolescents. *BMC psychiatry*, 9(1), 18.
- Liu, J. (2011). Early health risk factors for violence: Conceptualization, evidence, and implications. *Aggression and violent behavior*, v. 16, n. 1, p. 63-73.
- Marty, F. (2010) Violência e Passagem ao Ato Homicida na Adolescência. In: Amparo, D.; Almeida, S.; Brasil, K. & Marty, F. (Org). *Adolescência e violência: teorias e práticas nos campos clínicos, educacional e jurídico*. Brasília: Liber: Universidade de Brasília, p. 45-66.
- Minayo, M. C. de S., & Souza, E. R. (2003) *Violência sob o Olhar da Saúde: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz.
- Nascimento, R. S. G. F., Resende, A. C. & Ribeiro, R. K. S. M. (no prelo). *Rorschach Sistema Compreensivo: normas para crianças e adolescentes brasileiros*.
- Organização Mundial De Saúde – OMS. (2002). *Relatório Mundial sobre Violência e Saúde*. Genebra: Organização Mundial de Saúde
- Outeiral, J. (2008) *Adolescer*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Paludo, S. (2011). Valores e normas sociais de jovens em conflito com a lei. In: Dell'Aglio, D. D. & Koller, S. H. (Org). *Adolescência e juventude: vulnerabilidade e contextos de proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 139-161.
- Papalia, D., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2001) *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artmed.
- Petersen, A., Compas, B., Brooks-Gunn, J., Stemmler, M., Ey, S., & Grant, K. (1993). Depression in adolescence. *Adolescence, American Psychologist*, 48(2), 155-168.
- Reza, A., Krug, E. G., & Mercy, J. A. (2001). Epidemiology of violent deaths in the world. *Injury Prevention*, 7, 104-111.
- Roe-sepowitz, D. E. (2009) Comparing male and female juveniles charged with homicide child maltreatment, substance abuse, and crime details. *Journal of interpersonal violence*, v. 24, n. 4, p. 601-617.

- Rodway, C., Norrington-Moore, V., While, D., Hunt, I. M., Flynn, S., Swinson, N., & Shaw, J. (2011). A population-based study of juvenile perpetrators of homicide in England and Wales. *Journal of adolescence*, 34(1), 19-28.
- Sampaio, R. F., & Mancini, M. C. (2007) Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica; Systematic review studies: a guide for careful synthesis of the scientific evidence. *Rev. bras. fisioter*, v. 11, n. 1, p. 83-89.
- Schmitt, R., Pinto, T. P., Gomes, K. M., Quevedo, J., & Stein, A. (2006). Personalidade psicopática em uma amostra de adolescentes infratores brasileiros. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 33(6), 297-303
- Schmidt, F. (2009). Adolescentes privados de liberdade: A dialética dos direitos conquistados e violados. Curitiba: Juriá.
- Souza, C. C., & Resende, A. C. (2012) Transtornos psicológicos em adolescentes socioeducandos. *Avaliação Psicológica*, v. 11, n. 1, p. 95-109.
- Souza, C. C., & Resende, A. C. (2013) Aspectos psicológicos de adolescentes que cometeram homicídio: uma revisão sistematizada. *Fragmentos de Cultura*. (no prelo).
- Souza, I. M. (2004). *Homicídio Passional: Uma Teoria in Extremis*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Católica de Goiás.
- Vieira, C., Fay, E. D. S. M., & Neiva-Silva, L. (2007). Avaliação psicológica, neuropsicológica e recursos em neuroimagem: novas perspectivas em saúde mental. *Aletheia*, (26), 181-195.
- Viljoen, J. L., MacDougall, E. A., Gagnon, N. C., & Douglas, K. S. (2010). Psychopathy evidence in legal proceedings involving adolescent offenders. *Psychology, Public Policy, and Law*, 16(3), 254.
- Wilson, P; Norris, G. (2003) Relationship between criminal behaviour and mental illness in young adults: conduct disorder, cruelty to animals and young adult serious violence. *Psychiatry, Psychology and Law*, v. 10, n. 1, p. 239-243.

SEÇÃO II

PERFIS DE PERSONALIDADE DE ADOLESCENTES QUE COMETERAM HOMICÍDIO

RESUMO

O objetivo do presente trabalho foi caracterizar a diversidade de configurações psicológicas em um grupo de adolescentes que cometeram homicídio. Participaram do estudo 33 adolescentes, do sexo masculino e feminino, com idades entre 14 e 19 anos, que cometeram homicídio e estão cumprindo medidas socioeducativas em instituições goianienses. Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados uma entrevista semiestruturada e o Método de Rorschach (Sistema Compreensivo). Os protocolos de Rorschach dos adolescentes revelaram algumas características que permitiram compreendê-los em três subgrupos: um grupo com marcados componentes narcísicos patológicos; outro grupo que se destaca pela falta de habilidades sociais e interpessoais, com tendência a estabelecer relacionamentos conflituosos e com pouca capacidade de lidar com as demandas da vida diárias, especialmente em situações emocionalmente complexas; e o último grupo apresentou juízo crítico e coerência rebaixados, como pensamentos excêntricos e desconsideração pelos comportamentos socialmente esperados. Ainda que os adolescentes que cometeram homicídio não se constituam como um grupo homogêneo e que não haja um padrão de características universais que os represente, os principais resultados permitiram constatar a insuficiência de recursos psicológicos que interferem na capacidade de adaptação ao meio em que vivem.

Palavras-chave: adolescentes; homicídio; método de Rorschach.

ABSTRACT

This study consists of an empirical article that aims to characterize the diversity of psychological configurations in a group of adolescents who committed homicide. The study included 33 adolescents, male and female, aged between 14 and 19 years, who committed homicide and are serving educational measures deprived of freedom in institutions located in Goiânia, Goiás. The teenagers were submitted to a semi directed interview and the Rorschach Test (Comprehensive System). The results showed some personality traits that allowed them to be divided into three subgroups: a group with marked narcissistic pathological components; another group that is characterized by absence of social and interpersonal skills, with a tendency to establish conflictive relationships and with low capacity to cope with the demands of daily life, especially in emotionally complex situations, and the latter group had demoted critical judgment and consistency as eccentric thoughts and disregard for the socially expected behaviors. Although adolescents who commit homicide do not constitute a homogeneous group and that there are no standard universal characteristics that represent them, the main results demonstrated the insufficiency of psychological resources that interfere with their capacity to adapt to the environment.

Keywords: adolescents; homicide; Rorschach Test.

INTRODUÇÃO

O interesse científico em estudos com adolescentes que se envolveram em atos infracionais tem avançado, especialmente nos últimos 10 anos. O aumento da violência praticada por estes jovens traz temores e mobiliza a população que, por sua vez, exige medidas de repressão, deixando de lado o conhecimento das razões desta crescente violência, dos fatores que motivam este tipo de comportamento, as formas de atenção e prevenção necessárias para o enfrentamento da questão. A discussão da maioridade penal é um dos exemplos dessa mobilização (Assis, 1999; Paludo, 2011; Minayo & Souza, 2003).

De acordo com o Levantamento Nacional de Atendimento Socioeducativo (2011), a população de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas em meio fechado aumenta de forma constante. No ano de 2002 o quantitativo foi de 9.555 adolescentes, que variou para 16.535 no ano de 2007 e chegou a 19.595 no ano de 2011.

Segundo Gauer, Davoglio e Vasconcelos (2012), é importante contextualizar a realidade de adolescentes que cometeram atos violentos, mais especificamente o homicídio, o latrocínio e o estupro, distinguindo daqueles que cometeram atos não violentos, tais como furto, roubo, tráfico e receptação. De acordo com alguns estudos (Souza & Resende, 2012a; Souza & Resende, 2012b; Resende, 2011; Souza & Resende, 2011; Dicataldo & Everett, 2008; Schmitt, Pinto, Gomes, Quevedo & Stein, 2006), os adolescentes que cometeram ato infracional violento tendem a apresentar traços antissociais mais marcantes, como falta de interesse pelo outro, ausência de ansiedade, culpa e remorso do que os autores de outros atos infracionais. O traço antissocial tem sido empregado para designar o caráter agressivo e desafiador da conduta de indivíduos que apresentam comportamentos inadequados que causam prejuízos no seu funcionamento social (Pacheco, Alvarenga, Reppold, Piccinini & Hutz, 2005).

Faz-se imprescindível destacar que a violência não se manifesta isoladamente, é o resultado da complexa interação de fatores de risco (biológicos, familiares, situacionais, sociais e individuais, como comportamentos e características de personalidade) por certo período de tempo, especialmente durante a infância, que encoraja o indivíduo ao comportamento violento. Sendo assim, não há uma causa única que explique porque algumas pessoas se comportam de forma violenta em relação a outras ou porque a violência ocorre mais em algumas comunidades do que em outras (OMS, 2002; Bartol, 2008).

Conforme vários autores, dentre os fatores biológicos que podem predispor um indivíduo ao comportamento violento estão: lesões neurológicas, distúrbios da infância, como déficit de atenção e hiperatividade (Flores, 2002; Heide, 1997; OMS, 2002; Bartol, 2008; Englander, 2006; Harrington&Maskey, 2008; Liu 2010; Heide&Solomon, 2009). Aspectos como: nutrição inadequada, falta de cuidados médicos, complicações no parto e problemas perinatais, apesar de serem citados pelos autores acima como fatores biológicos, também apresentam influência de questões sociais.

No Brasil há uma grande desigualdade social de origem histórica e as classes menos favorecida ainda constituem a maior parte da população. A desigualdade social se revela na desigualdade de oportunidade, de escolaridade, de renda, de gênero, de lazer, de atendimento de saúde, etc. Destarte, a violência, de uma forma geral, é uma das consequências do grau a que chegaram as desigualdades sociais brasileiras que atingem as famílias e fazem sofrer uma multidão de adolescentes (Assis, Avanci, Santos, Malaquias, & Oliveira, 2004; OMS, 2002).

Na categoria de fatores familiares e situacionais destacam-se principalmente a ausência ou a negligência das figuras parentais, ter irmãos com problemas de conduta, ser vítima de maus tratos, abusos físico e psicológico, já ter se envolvido em lutas físicas, possuir porte de arma, consumir e/ou traficar drogas, abandono escolar e ociosidade (Heide, 1997; Bartol, 2008; Englander, 2006; OMS, 2002; Widom, 1989; Gallo, 2006; Rodway e cols 2010; Heide, &Solomon 2009; Roe-sepowitz, 2009; Heide, 2003).

Entre os fatores de risco sociais sobressaem a exposição prolongada a conflitos armados, testemunhar violência, pertencer a gangues que praticam comportamentos antissociais, ser de baixo nível socioeconômico e morar em bairro violento (Gartner, 1990; OMS, 2002; Englander, 2006; Harrington &Maskey, 2008; Heide, 2003).

Os fatores de risco individuais, como características de personalidade e comportamentos também podem influenciar as atitudes violentas. Entre esses fatores destacam-se a hiperatividade, a impulsividade, a ausência de controle comportamental, a agressividade, problemas de atenção, nervosismo, ansiedade, baixo nível intelectual, raiva, falta de habilidades sociais e interpessoais, baixa motivação, baixa autoestima, autocríticas negativas, entre outras (Bartol, 2008; OMS, 2002; Roe-sepowitz, 2009; Heide, 2003). Considerando as características de personalidade como um dos fatores importantes que podem influenciar no comportamento violento de adolescentes, sendo este o foco desta investigação científica, a seguir serão explicitadas algumas

características de personalidade de adolescentes que cometeram homicídio por meio do método de Rorschach, encontradas em estudos nacionais e internacionais.

Entendemos que a avaliação do funcionamento da personalidade destes adolescentes que cometeram tal ato infracional é um passo inicial muito importante para que os programas de aconselhamento, orientação, encaminhamento e prevenção desses adolescentes obtenham resultados mais satisfatórios.

Avaliação de Personalidade de Adolescentes que Cometeram Homicídio

Atualmente, muitos estudos com o foco em avaliação com adolescentes que se envolveram com o crime visam investigar problemas de comportamento associados aos traços antissociais e transtorno de conduta. Acredita-se que a relevância dessas pesquisas centra-se no pressuposto de que a identificação de características que influenciam esses transtornos é um grande passo para o desenvolvimento de tratamentos nessa fase do desenvolvimento. Ademais, quando essas características são identificadas na infância, as intervenções precoces podem prevenir condutas inadequadas (Johnstone & Cooke, 2004).

Estudos que avaliaram adolescentes que cometeram homicídio, por meio do Método de Rorschach pelo Sistema Compreensivo (SC), destacam as seguintes características de personalidade mais comuns entre eles: a falta de habilidade nos relacionamentos interpessoais ($PHR > GHR$) (Gacono, Gacono & Evans, 2008; Resende, 2011; Resende & Souza, 2011); a pouca disponibilidade para a cooperação interpessoal ($COP \downarrow$) (Gacono et al., 2008; Souza & Resende, 2012b; Resende, 2011; Resende & Souza, 2011); a dificuldade de se perceber e perceber o outro ($H < (H) + (Hd) + Hd$) (Gacono & Meloy, 1994); o pouco interesse pelas pessoas, pelo que elas fazem ou dizem ($H \downarrow$) (Gacono & Meloy, 1994; Gacono et al., 2008); o narcisismo pernicioso, típico de pessoas com uma determinação hostil em explorar e manipular o outro para atingir seus próprios fins ($Fr + rF > 0$) (Corredor, 2000; Gacono et al., 2008; Loving & Russell, 2000; Olin & Keatinge, 1998; Lowen, 1983; Garcia, 1999); a ausência de culpa e remorso [$Somb \downarrow$ ($SumV = 0$)] (Exner & Sendín, 1999); a pouca capacidade de lidar com situações emocionalmente complexas, precipitando-se na tomada de decisões e estressando-se facilmente quando está diante dessas circunstâncias ($Blends \downarrow$; $L \uparrow$) (Gacono et al., 2008). Este último traço pode ser frequente em indivíduos com características psicopáticas, os quais não refletem e atuam de forma repentina (Exner & Sendín, 1999).

Outros aspectos que também se sobressaíram no Rorschach (SC) destes adolescentes foram: a ausência de recursos para lidar com as demandas diárias da vida, o que está altamente associado a faltas de habilidades sociais (EA↓) (Gacono et al., 2008); o prejuízo do juízo crítico e coerência (F+%↓) (Olin & Keatinge, 1998); a desconsideração pelos comportamentos socialmente esperados (Xu%↑) (Gacono et al., 2008); a baixa autoestima (Ego↓) (Gacono et al., 2008; Gacono & Meloy, 1994; Resende, 2011; Resende & Souza, 2011); a tendência a interpretar o que as pessoas fazem e falam de modo equivocado (M-↑) (Gacono et al., 2008; Gacono & Meloy, 1994; Souza & Resende, 2012b; Resende, 2011; Resende & Souza, 2011); a capacidade insuficiente de reconhecer e expressar os seus sentimentos (WSumC↓) e menor disposição para participar de situações que envolvem expressões de afetos (Afr↓). Estes últimos aspectos foram encontrados em um estudo anterior com dados de uma adolescente que faz parte deste estudo (Souza & Resende, 2012b; Resende, 2011; Resende & Souza, 2011).

De acordo com todos os autores investigados, o Método de Rorschach pode discriminar, em termos de características de personalidade, adolescentes mais propensos aos comportamentos violentos e adolescentes bem menos propensos a se comportar dessa maneira.

Diante do exposto, o presente estudo tem o objetivo de caracterizar a diversidade de configurações psicológicas em um grupo de adolescentes que cometeram homicídio e estão cumprindo medidas socioeducativas em instituições goianienses.

MÉTODO

Tipo de Investigação

Trata-se de uma pesquisa descritiva com uso de instrumento padronizado para a coleta de dados referentes às características de personalidade de adolescentes que cometeram homicídio.

Participantes

Participaram do estudo 33 adolescentes, sendo oito (24,2%) do sexo feminino e 25 (75,8%) do sexo masculino, com idades entre 14 e 19 anos, escolaridade variando entre Ensino fundamental e Ensino Médio que cometeram homicídio ou latrocínio (roubo seguido de morte), e que estavam cumprindo medida socioeducativa de internação em instituições situadas em Goiânia, no Estado de Goiás/Brasil.

Foram convidados apenas os adolescentes internos que cometeram atentados

contra a vida de outras pessoas, por meio de um convite pessoal da pesquisadora, no período de fevereiro a junho de 2012. Os critérios de exclusão foram: a falta do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo C) devidamente assinado, e um desempenho insuficiente no teste para fornecer informações confiáveis e para sustentar interpretações válidas (número de respostas menor do que 14 e com rejeição de cartões). Todos os adolescentes convidados concordaram em participar deste estudo e apresentaram os critérios para serem incluídos. Não houve necessidade de aplicação do critério de exclusão.

Instrumentos

Entrevista semiestruturada com os adolescentes: o roteiro foi elaborado utilizando como base algumas questões da Escala Hare de Psicopatia (Morana, 2004) e do Questionário Multimodal (Lazarus, 1980) (Anexo B). Esta entrevista levanta aspectos relacionados à história de vida, procurando compreender como os comportamentos inadequados surgiram e se estabeleceram ao longo da vida dos adolescentes. Foram abordados os aspectos sociodemográficos, a constituição e organização familiar, a vida escolar (início dos estudos; quantidade de escolas em que estudou no ensino fundamental e ensino médio; frequência escolar; casos de reprovação, expulsão ou advertências; comportamento na escola; relação interpessoal com professores e colegas), ocupações com e sem remuneração, aspectos relacionados à saúde e à sexualidade; o envolvimento com ato infracional, drogas usadas, expectativas e projetos para o futuro. Aspectos tais como se o examinando tem como alvo um tipo particular de vítima, o grau de dano causado à vítima, o padrão de interação entre a vítima e o (a) adolescente, os recursos e a armas que geralmente usavam também foram questionados e ainda foi observado o comportamento durante a entrevista.

Prontuários dos adolescentes: utilizado para levantar informações sobre os adolescentes no período de internação, sobre o tempo de internação, sobre o (s) ato (s) infracional (nais) cometido (s) e para confirmar informações colhidas na entrevista.

Método de Rorschach (Sistema Compreensivo): trata-se de uma medida comportamental baseada no desempenho que avalia uma ampla gama de características de personalidade. É composto por dez cartões, cinco deles são monocromáticos (pretos), dois são bicolores e outros três são policromáticos, os quais servem de estímulos pouco organizados que levam o indivíduo em avaliação a expressar conteúdos associativo-perceptivos representativos de sua forma habitual de pensar, sentir e agir. É administrado individualmente e exige que os examinandos identifiquem o que os

borrões de tinta construídos parecem, em resposta à pergunta "O que isso poderia ser?" Cada resposta, ou solução para a tarefa, é codificada de acordo com orientações padronizadas através de um número de dimensões e os códigos são então resumidos em escores, posteriormente interpretados no Sistema Compreensivo (Exner, 2003).

Procedimentos

O estudo levou em consideração as resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS nº 196/96) e do Conselho Federal de Psicologia (CFP nº 016/2000). O projeto foi submetido e aprovado pelo Juizado da Infância e Juventude de Goiânia e posteriormente pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de Goiás sob o Protocolo CAAE 12868613.2.0000.0037. A participação dos sujeitos na pesquisa foi voluntária e autorizada por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos próprios adolescentes. No caso desta pesquisa, não foi necessário solicitar autorização para os pais ou responsáveis, mesmo se tratando de pessoas menores de 18 anos, porque esses adolescentes estão sob tutela do Estado e, assim sendo, o Juiz da Infância e Juventude respondeu como responsável pelos adolescentes.

Após esta fase, as instituições socioeducativas foram contatadas para levantamento do quantitativo de adolescentes que cometeram homicídio e agendamento da coleta de dados. No recrutamento, todos os participantes foram convidados pessoalmente e estimulados a participar do estudo. Eles foram esclarecidos quanto ao sigilo de qualquer informação que poderia identificá-los individualmente, quanto aos seus direitos, quanto à metodologia utilizada e quanto aos objetivos do estudo, conforme descrito no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo C).

A coleta de dados foi realizada de forma individual, em dois encontros de aproximadamente 1 hora e 30 minutos cada, numa sala adequada para atendimento e testagem psicológica, nas próprias instituições, onde regularmente as psicólogas realizavam seus atendimentos. No primeiro encontro a entrevista semiestruturada foi administrada (N=28). Em um outro encontro, era realizada a aplicação do Método de Rorschach (N=33). Cinco adolescentes não foram submetidos à entrevista porque estavam finalizando sua sanção socioeducativa e não haveria tempo hábil para a realização dos dois instrumentos. Por solicitação do juiz responsável, ou da própria instituição, foi realizado somente o método de Rorschach com estes adolescentes para que as informações desse instrumento constassem em seus processos individuais. Estes jovens foram informados e consentiram a aplicação do teste pela pesquisadora para uso no Sistema Socioeducativo. Para integrar e confirmar algumas informações colhidas por

meio dos testes e das entrevistas com os adolescentes foram consultados os prontuários dos mesmos, cedidos pela instituição.

No que diz respeito aos procedimentos de análise dos dados, o primeiro passo consistiu em caracterizar a amostra. Para isso as informações das entrevistas foram analisadas e apresentadas em forma de representação gráfica.

Quanto aos protocolos de Rorschach, estes foram codificados às cegas e separadamente por dois juízes experientes no Sistema Compreensivo. O juiz 1 foi a pesquisadora responsável por este estudo, sob a supervisão da orientadora, e o juiz 2 foi uma psicóloga alheia aos dados dos participantes e cega aos objetivos desse estudo. Foi realizada a análise de concordância entre os codificadores, por meio do Kappa, considerando 24% de todos os protocolos considerados úteis (com número mínimo de 14 respostas e sem rejeição de cartões). O Kappa é uma medida de concordância interobservador e mede o grau de concordância além do que seria esperado tão somente pelo acaso. As discordâncias na correção do teste foram solucionadas por meio de uma discussão entre os juízes a respeito da codificação mais apropriada.

A Tabela 1 apresenta o nível de concordância atingido entre os juízes em cada um dos segmentos de codificação do Rorschach. Levando em consideração o que alguns estudos utilizando o Rorschach têm encontrado de concordância entre juízes (Nascimento, 2002; Resende, Carvalho, & Martins, 2012), os resultados observados em cada um dos segmentos de codificação indicam que houve boa concordância entre os juízes ($> 0,76$), com exceção dos códigos especiais cujo índice foi limítrofe (0,65). De uma forma geral, a correção do Método de Rorschach para este estudo foi considerada confiável.

Tabela 1. Correlação entre juízes em segmentos de codificação do Rorschach (n=8 protocolos, número de respostas= 163).

Segmentos de Codificação	% Agree	Kappa
Localização e	0,89	0,85
DQ (+, o, v /+,v)	0,96	0,87
Determinantes (11 variáveis)	0,83	0,81
FQ (None, +, o, u,-)	0,85	0,76
Pares	0,91	0,79
Conteúdos (27 variáveis)	0,92	0,91
P	0,97	0,87
Z Score	0,91	0,82
Códigos Especiais (14 variáveis)	0,96	0,65

Em seguida, todos os protocolos do Método de Rorschach foram lançados no *software* RIAP5-FE, através do qual é feito o levantamento de vários índices individuais, como também são realizadas estatísticas descritivas referentes ao grupo. Todas as variáveis foram comparadas com os dados normativos do teste para a população brasileira para avaliar os desvios da média. Os dados normativos para adolescentes de 14 anos foram retirados do estudo de Resende, Carvalho, e Martins (2012), e para os sujeitos acima de 14 anos foram utilizados os dados normativos do estudo de Nascimento (2010).

Optou-se por analisar as variáveis do Método de Rorschach, mais frequentemente encontradas em adolescentes que cometeram homicídio, que foram investigadas em outros estudos científicos, listados na introdução do presente estudo, que tinham como objetivo a compreensão das características de personalidade destes jovens (Gacono&Meloy,1994; Gacono et al., 2008; Corredor, 2000; Loving& Russell, 2000; Olin&Keatinge, 1998); Lowen, 1983; Garcia, 1999; Exner&Sendín, 1999; Souza & Resende, 2012b).

Particularmente para a presente pesquisa estas variáveis foram agrupadas em três categorias diferentes conforme seus significados: variáveis características de traços de psicopatia; variáveis indicativas de déficit de habilidades sociais e variáveis que denotam déficit cognitivo. A ordem em que as variáveis são apresentadas logo a seguir indica uma importância decrescente para a identificação das características levantadas.

Os adolescentes foram divididos em grupos conforme as características que se sobressaíram em relação às outras encontradas e que estavam relacionadas à literatura que trazia dados de indivíduos que praticaram homicídio, conforme foram citadas nos estudos de (Resende, 2011; Resende & Souza, 2011; Souza & Resende, 2012b; Gacono et al., 2008; Gacono&Meloy, 1994). As características de psicopatia em adolescentes foram baseadas particularmente nos artigos de Gacono et al (2008); Gacono e Meloy (1994); Souza e Resende (2012b). As variáveis Rorschach que indicam déficits de habilidades sociais e cognitivas foram baseadas no Índice de déficit relacional (CDI) e no Índice de distúrbio do pensamento (PTI) do método de Rorschach (Exner, 2003). No caso das variáveis referentes ao déficit cognitivo, outras variáveis do Rorschach relacionadas aos aspectos cognitivos também foram incluídas, uma vez que indicavam um funcionamento cognitivo imaturo ou excêntrico para adolescentes na faixa etária avaliada.

Características de psicopatia

- 1) $Fr+rF > 0$: pode revelar narcisismo pernicioso, típico de pessoas com uma determinação hostil em explorar e manipular o outro para atingir seus próprios fins, sobretudo se esta variável estiver presente em protocolo que apresente a próxima variável também;
- 2) $H \text{ puro} \leq 1$: poucos conteúdos humanos inteiros evidencia falta de interesse pelas pessoas;
- 3) $SumV = 0$: a ausência de sombreado vista aponta a falta de culpa e remorso;
- 4) $SumSombreado \leq 1$: baixo somatório de sombreados demonstra ausência de ansiedade;
- 5) $WSumC \leq 1,5$: soma ponderada das respostas cromáticas rebaixada assinala capacidade insuficiente de reconhecer e expressar os seus sentimentos;
- 6) $Afr < 0,40$: índice de afetividade abaixo da média revela menos disposição para participar de situações que envolvem expressões de afetos;
- 7) $SumT = 0$: a ausência de textura, associada à variável 2 fortalece o argumento de falta de interesse por relacionamentos mais próximos e íntimos;

Déficits de Habilidades Sociais

- 1) $CDI \geq 5$: Índice de déficit nos relacionamentos interpessoais, este índice quando ≥ 5 indica predisposição para desorganização funcional nos relacionamentos ou na administração do estresse;
- 2) $COP = 0$: movimento cooperativo igual a zero indica pouca disponibilidade para a cooperação com o outro;
- 3) $PHR > GHR$: índice de representação humana pobre maior do que o índice de representação humana boa aponta para a disponibilidade para relacionamentos conflituosos e comportamentos sociais inadequados;
- 4) $EA \leq 3$: Experiência efetiva indica poucos recursos para lidar com situações diárias;
- 5) $Blends \leq 2$: poucas respostas com determinantes mistos indicam escassa capacidade de lidar com situações emocionalmente complexas;
- 6) $L \geq 2$: lambda alto aponta para um estilo evitativo de enfrentamento das situações;
- 7) $Ego < 0,37$: Índice de egocentrismo rebaixado demonstra baixa autoestima.

Déficits Cognitivos

- 1) $XA\% < 0,70$: baixo índice geral de ajustamento da realidade;
- 2) $WDA\% < 0,75$: rebaixamento do índice mais preciso de ajustamento indicando pouca capacidade de perceber a realidade mais convencional e óbvia;

- 3) $X_u\% \geq 0,38$: desconsideração pelos comportamentos socialmente esperados;
- 4) $X_{-}\% \geq 0,40$: desajustamento da realidade;
- 5) $P \leq 2$: repostas populares abaixo da média revelam pouca adaptação às normas de convivência em grupo;
- 6) $PTI \geq 2$: indica a presença de distúrbios cognitivos;
- 7) $M_{-} > 1$: a presença de movimentos humanos de qualidade formal menos (FQ-) aponta tendência a interpretar o que as pessoas fazem e falam de modo equivocado;
- 8) $Z_f \leq 4$: baixa frequência de nota Z assinala capacidade cognitiva rebaixada;
- 9) $DQ_{+<} 4$: poucas respostas de qualidade evolutiva sintetizada demonstram nível intelectual pouco elaborado.

Todos os dados da pesquisa foram lançados no programa de computador *Statistical Package for the Social Sciences – SPSS*, versão 17, para verificar os agrupamentos dos adolescentes em termos das variáveis do Rorschach, bem como para avaliar as relações entre os dados sociodemográficos e as variáveis do Rorschach por meio de testes estatísticos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão expostos e discutidos a partir dos dados levantados pelos instrumentos utilizados de forma separada. No final serão realizadas algumas articulações entre as informações levantadas.

Entrevista

Todos os adolescentes que estavam cumprindo medidas socioeducativas pelo crime de homicídio aceitaram o convite para participar deste estudo. Ao total foram entrevistados 28 adolescentes entre os 33 que participaram.

Com relação à idade dos participantes, observou-se que a maioria (N=10; 35,7%) tinha 17 anos de idade, sete (25%) estavam com 18 anos, seis (21,4%) tinham 16 anos, três (10,7%) deles estavam com 15 anos. Um adolescente (3,6%) possuía 14 e o outro 19 anos. De acordo com Entorf e Spengler (2000), o crime não é uma constante na vida do indivíduo, mas um processo em que a pessoa inicia sua atividade criminosa em torno dos 12 ou 13 anos (iniciação), aumenta o seu envolvimento em tais atividades por volta dos 16 ou 17 anos (desenvolvimento), e esse envolvimento tende a diminuir por volta dos 30 anos. Por outro lado, a idade de 17 pode ser considerada crítica, uma vez que comumente jovens dessa idade são aliciados por adultos a cometerem crimes

mais graves, como o homicídio, porque a pena para este jovem é considerada pelos aliciadores como branda. Na maioria das vezes são os adultos que exercem papéis de chefia e liderança e, não sem motivos, aparecem fortemente implicados nos crimes mais violentos praticados por adolescentes. Patterson e Yoerger (2003) inferem a partir de seus dados que os adolescentes que praticaram atos infracionais quase sempre contaram com a colaboração de outras pessoas adultas para praticarem a infração.

Seis adolescentes (21,4%) revelaram ter um filho ou filha. Dois (7,2%) afirmaram ter união estável, sendo uma adolescente (3,6%) casada e outra adolescente (3,6%) separada. Cinco participantes (17,8%) concluíram o Ensino Fundamental. Apenas um adolescente (3,6%) tinha nível socioeconômico médio, o restante possuía baixo nível socioeconômico. Observa-se aqui o viés da desigualdade social que permeia todas essas questões. Entende-se que os adolescentes de nível socioeconômico menos favorecido também não dispunham de condições financeiras para contratar serviços jurídicos que possivelmente os livrariam de suas sentenças. Segundo Gallo e Williams (2005) e Kodato e Silva (2000) é importante ressaltar que o baixo nível socioeconômico, apesar de ser reconhecido como um forte estressor para danos no desenvolvimento humano, isoladamente não leva a ocorrência de comportamentos inadequados. Um conjunto de fatores de risco deve ser associado a essa condição, como por exemplo, o estresse ocasionado pelo fracasso financeiro e baixo rendimento escolar, ausência de orientação, supervisão e apoio dos pais e de outros membros da família; o aumento da probabilidade de gravidez precoce, como no caso dos adolescentes deste estudo, em que 21% dos adolescentes têm filhos.

Apenas dois jovens (7,2%) revelaram que nunca fizeram uso de álcool ou outras drogas, e esse dado é congruente com as informações do prontuário que foram colhidas por outras fontes. Os outros 26 adolescentes (92,8%) assumem que já fizeram uso abusivo de álcool e outras drogas ilícitas, mesmo que eventualmente. Zamora (2008) observou que quase nove em dez adolescentes internos no sistema dito socioeducativo no Brasil faziam uso de drogas antes da internação. Esses dados apontam para a falta de políticas públicas eficientes de prevenção e tratamento de drogas. Sem dúvidas, o problema do alcoolismo, do uso das drogas e do tráfico facilitam a adoção de comportamentos violentos entre os adolescentes, como o homicídio, especialmente em áreas onde há altos níveis de desemprego entre os pais, ausência de políticas sociais, educacionais, econômicas e de saúde que mantêm altos os níveis de desigualdade econômica e social entre os grupos. Esta desigualdade numa sociedade como a nossa,

que promove agressivamente o consumo, só fomenta ainda mais as relações sociais violentas (OMS, 2002).

Quase todos (N=22; 78,6%) relataram a prática de condutas socialmente inadequadas anteriores ao homicídio. Dentre as condutas inadequadas, as mais citadas foram brigas envolvendo agressões físicas, uso de álcool e drogas, tráfico, furtos e roubos. Todos esses dados foram confirmados no prontuário destes jovens. Estas informações indicativas de reincidência criminal destes adolescentes corroboram o estudo de Schmitt, Pinto, Gomes, Quevedo e Stein (2006). Os autores observaram que no grupo de adolescentes que cometeram atos infracionais graves como o homicídio existia uma história de atos delituosos recorrentes e a prevalência relativa de reincidência foi significativamente maior entre estes adolescentes quando comparada à do grupo de adolescentes que cometeram outros atos.

Quanto às vítimas, constatou-se que as meninas, em sua grande maioria (N=7; 25% do grupo ou 87,5% das meninas participantes), conheciam a vítima e até mesmo mantinham contato íntimo. Uma adolescente (3,6%) participou de latrocínio e cometeu atentado contra uma pessoa desconhecida que reagiu ao assalto. As demais meninas (N=7; 25%) tiveram como vítimas: filho, pai, avó, colegas de escola, colega do tráfico e ex-namorado. Os fatores motivacionais para a infração foram brigas e discussões. Dentre os meninos, apenas três (10,7%) mantinham relação próxima com a vítima (irmão, namorada e mãe) e todos eles justificaram que o ato foi acidental. O restante dos adolescentes (N=17; 60,7%) tiveram como vítimas pessoas desconhecidas ou com quem já tinham inimizade e os motivos variaram entre reação ao assalto e principalmente brigas causadas por disputa no tráfico ou por mulheres. Estes dados corroboram o estudo de Paludo (2011), que afirma que o ato infracional para os meninos faz parte de um processo de autoafirmação, no qual se busca pelo comportamento violento uma forma de reconhecimento e visibilidade social. Ainda neste sentido, um estudo internacional (Roe-sepowitz, 2009) demonstrou que meninas tendem a cometer mais parricídio (homicídio contra uma das figuras parentais) do que adolescentes do sexo masculino.

Fatores associados às relações interpessoais destes jovens – com a sua família, amigos e colegas - também podem afetar muito o comportamento agressivo e violento, e podem moldar os traços da personalidade que, por sua vez, podem contribuir para o comportamento violento. Neste sentido, a influência da família – muitas vezes negligente ou constituída por membros que abusam fisicamente ou sexualmente – e dos

amigos e colegas – comumente envolvidos em gangues violentas ou com o uso e tráfico de drogas – exercem um efeito prejudicial no comportamento durante a adolescência (OMS, 2002).

Com relação às armas e técnicas utilizadas no crime, onze adolescentes (39,3%) fizeram uso de arma de fogo e os demais adolescentes fizeram o uso de armamentos e técnicas que exigiam o contato direto e próximo à vítima, como: o uso de facas ou objetos pontiagudos (N= 8, 28,6%), agressões físicas (N=7, 25%); e pedras (N=2, 7,2%). Salienta-se que a maioria dos adolescentes apoderou-se de armamentos e técnicas que demandavam a proximidade com a vítima, indicando um claro movimento agressivo em relação ao outro. Segundo a OMS (2002), o porte de arma em adolescentes envolvidos com o crime está, na maioria dos casos, relacionado com a venda de drogas pesadas. No presente estudo, a maioria (N=6; 21,4%) dos adolescentes que cometeram os atos usando arma de fogo estava inserida no tráfico.

Na história de vida, a maioria dos adolescentes (71,4%, N= 20) revelou a perda de pelo menos uma das figuras parentais, quer seja por morte violenta ou por abandono durante a infância, o que pode ter colaborado no prejuízo do desenvolvimento das potencialidades afetivas e reparadoras, bem como suas noções de limites. Outro aspecto destacado por Gallo e Williams (2005) é que as famílias monoparentais tendem a sofrer um impacto mais severo de inúmeros fatores de risco. Este fato não implica em problemas no desenvolvimento infantil, mas sim na relação com outras variáveis de risco. Aparecem aqui a dificuldade de prover financeiramente a casa e cuidar dos filhos, a ineficácia ou inexistência de uma rede de apoio, a ausência de apoio do parceiro, falta de recursos na comunidade como creches, entre outros. Tudo isso corrobora com prejuízos no funcionamento e no comportamento social e emocional desses jovens.

Quarenta e seis por cento (N=13) dos adolescentes declararam já ter presenciado alguma forma de violência doméstica, especialmente pelo uso abusivo de drogas por uma das figuras parentais. Pais que praticam algum tipo de crime, que consomem álcool e outras drogas, que praticam violência física, psicológica e sexual em casa, podem comprometer suas funções no controle, na disciplina e no envolvimento com os filhos. Mesmo não sendo vítima direta da violência, a criança pode apresentar problemas em decorrência da exposição à violência familiar (Gallo&Williams, 2005; Maia & Williams, 2005).

Boa parte dos adolescentes (46,4%, N= 13) relatou ter planejado e realizado com frieza o homicídio. Houve relato de arrependimento em doze casos (43%). Ou seja,

a maior parte dos adolescentes deste estudo (N=16, 57%) não demonstrou sentimento de culpa ou remorso pelo ato praticado. A relação entre a motivação para o ato e o arrependimento está demonstrada na Tabela 2.

Tabela 2. Quantidade de adolescentes que declararam e não declararam arrependimento em relação ao motivo do homicídio.

Motivo do Homicídio	Arrependimento	Não arrependimento
Dívida do Tráfico	3 (10,7%)	2 (7,2%)
Briga (inimigo, pessoas desconhecidas, disputa por namorada)	-	12 (42,9%)
Briga com pessoas conhecidas ou íntimas (colega de escola, irmão, esposo, avó e pai)	4 (14,3%)	2 (7,2%)
Reação da vítima ao assalto (Latrocínio)	3 (10,7%)	-
Sob efeito de drogas no momento do ato (namorada, mãe)	2 (7,2%)	-

Em relação aos dados expostos, quando o motivo do ato se relacionou a dívidas do tráfico, observa-se que três adolescentes (10,7%) declararam arrependimento e outros dois (7,2%) não mencionaram se arrepender com o ato. No caso destes adolescentes, a verbalização do arrependimento vem acompanhada da consequência que teria ocasionado o ato: o fim da liberdade.

De acordo com estudo realizado por Borges e Alencar (2006) com adolescentes que cometeram homicídio, a mudança ocorrida na forma de pensar dos agressores parece ter sido determinada pelas consequências adversas sofridas após a transgressão e não pelo ato em si. Isso indica que a maioria responderia que atualmente mataria outra vez diante das mesmas circunstâncias e julgaria como correto o homicídio cometido. Todos os adolescentes que cometeram latrocínio (N=3, 10,7%) se declaram arrependidos. Justificaram que a vítima reagiu, mas que a intenção não era o homicídio, e sim o roubo. Ou seja, no caso desses jovens, o arrependimento estava relacionado ao fato de tirar a vida de outros, e não ao assalto.

Outra consideração sobre os homicídios relacionados ao tráfico e ao latrocínio é apontada por Guimarães (2004), que salienta que dentre os múltiplos fatores implicados, devem ser destacados: a escassez de investimentos sociais para o acesso aos recursos necessários a um padrão de vida digno (o desemprego, baixos salários, possibilidade de ganhar mais dinheiro com o tráfico); a falta de acesso a direitos sociais (moradia, educação, qualificação profissional, amparo familiar); o poder, fama e notoriedade; a curiosidade e aventura; a intenção de sustentar o vício. Para Pereira e Sudbrack (2008), o tráfico surge como uma opção de trabalho que vai além da necessidade econômica, pois oferece poder, identidade.

Dos outros seis adolescentes (21,5%) que declararam arrependimento, dois (7,2%) relataram ter assassinado a mãe e a namorada por acidente, por efeito do uso de drogas. Um deles declarou ter tido alucinações auditivas que o induziram a cometer o ato contra a mãe e o outro revelou que, devido ao efeito da droga, não dimensionou a força que colocava na namorada em uma brincadeira de lutas marciais. A associação do ato ao crime, de acordo com Manita (2000), é designada como uma “recusa de atribuição de significado” nomeada como “acidente”, e que traduz as situações ditas como impensadas e incontroladas. Segundo a autora, esta dimensão de significado tem relevância no caso dos primeiros atos infracionais e não se aplica em casos de reincidentes no crime. Este foi o caso dos adolescentes deste estudo, que apresentaram essa justificativa para o ato e não haviam cometido atos infracionais anteriores a este.

Os quatro últimos adolescentes (14,3%) que relataram arrependimento foram motivados a cometer o ato por brigas com pessoas próximas, colegas de escola, irmão e no caso de uma adolescente, uma briga com o esposo resultou no homicídio contra o filho, por vingança. No caso destes adolescentes, algumas características individuais podem justificar o ato, como pouca capacidade de lidar com situações emocionalmente complexas, precipitando-se na tomada de decisões e estressando-se facilmente quando se está diante dessas circunstâncias ou tendência a interpretar o que as pessoas fazem e falam de modo equivocado e dificuldade de controlar os afetos, com tendência a violentas descargas emocionais (Gacono et al., 2008; Gacono & Meloy, 1994).

Os adolescentes que não relataram arrependimento, 14 (50%) foram motivados por dívidas do tráfico e brigas com inimigos de gangue, brigas em festas com pessoas desconhecidas e disputa por namoradas. No caso destes adolescentes, o não arrependimento do ato pode estar vinculado ao que Paludo (2011) chama de autoafirmação: quando a transgressão, o comportamento violento e infracional fazem parte do processo de visibilidade social. Assim, a busca pelo respeito se dá por meio de atos que os excluem da sociedade, uma vez que assumindo o papel de perigosos passarão a ser notados, ainda que seja pelo medo que incitam nas pessoas.

Por exemplo, quando lhes era perguntado se sentiam remorso pelo que fizeram, as respostas indicavam ausência de preocupações pelas implicações negativas que seus comportamentos infracionais tinham sobre os outros. Eles demonstravam mais preocupação com os efeitos de suas ações sobre si próprios do que com algum sofrimento causado às suas vítimas ou com danos causados à sociedade. A título de ilustração, algumas respostas à essa pergunta: “minha pena foi injusta”; “a culpa de tudo

foi eu ter sido burro e deixado me pegar pela polícia”. Ao serem perguntados sobre o que estaria faltando em suas vidas, a maioria respondeu que era a liberdade e a rua. Essa resposta também evidencia a falta de reflexão e a culpa projetada no sistema de justiça por prejuízos à sua reputação ou por privá-lo de utilizar o seu potencial. Morana (2004) e Gauer, Vasconcelos, e Davoglio (2012) analisam este tipo de resposta em adultos como traços psicopáticos, típicos de pessoas que promovem condutas abertamente antissociais e uma determinação hostil em explorar e manipular o outro para atingir seus próprios fins, sem remorso ou arrependimento.

As outras duas adolescentes (N=2; 7,2%) que não demonstraram arrependimento foram motivadas por brigas familiares e as vítimas foram o pai e a avó. No caso da adolescente responsável pelo homicídio da avó, este foi confirmado pela perícia criminal. Ela nega o ato, mas relata que ela e a avó brigavam com frequência, especialmente devido ao seu envolvimento com o tráfico.

Já no caso da adolescente que matou o pai, sua motivação corrobora com os estudos de Roe-sepowitz (2009) e Gomide (2010). A jovem revelou que o pai era alcoólatra e que ela sofria abusos físicos diariamente. Segundo os autores, adolescentes que cometem parricídio comumente apresentam como motivação terem sido vítimas de abusos pelo pai.

Os dados levantados por meio das entrevistas confirmam as informações fornecidas por outros estudos citados na revisão bibliográfica deste artigo (Flores, 2002; Heide, 1997; OMS, 2002; Bartol, 2008; Englander, 2006; Widom, 1989; Gartner, 1990): os fatores familiares, situacionais, sociais e de personalidade se mostram presentes na história de cada um dos participantes e podem ter favorecido os comportamentos violentos. A ilustração gráfica dos principais dados levantados pelas entrevistas semiestruturadas e pelos prontuários dos adolescentes se encontra na Figura 1.

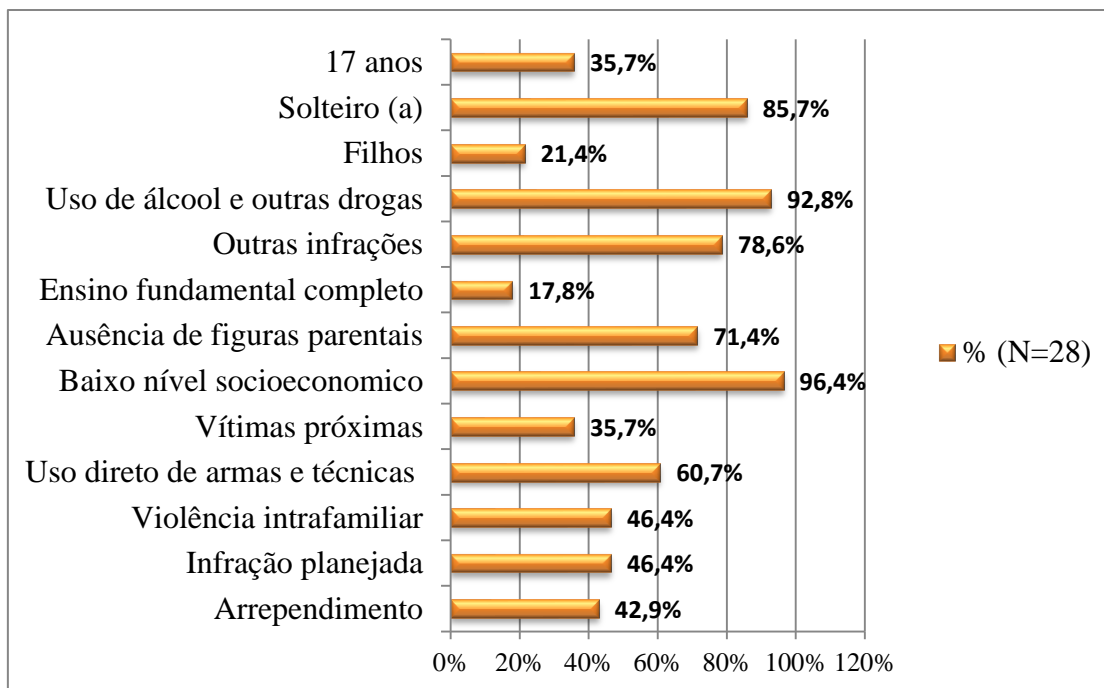


Figura 1. Características sociodemográficas e aspectos pessoais dos adolescentes entrevistados.

Método de Rorschach

Os testes de todos os participantes (N=33) continham número suficiente de respostas para fornecer um relatório confiável e interpretativamente válido (média R=20, variando entre 14 e 32 respostas e sem rejeições de cartões). Não há indícios evidentes nos dados estruturais dos testes de esforços deliberados na tentativa de dissimulação de um transtorno psicótico ou do humor. Embora a dissimulação ou exagero dos sintomas não sejam descartados com base somente nos testes, pode-se ao menos dizer que os dados dos testes não fornecem provas de que estes jovens estão tentando parecer mais perturbados do que realmente seus casos apresentam (Verbalizações mais concisas do que extensas, Wsum6 quase sempre na média, compreensão adequada de como realizar a tarefa solicitada).

Os adolescentes foram divididos em grupos conforme as características que se sobressaíram em relação às outras encontradas e que estavam relacionadas à literatura que trazia dados de indivíduos que praticaram homicídio, vide revisão bibliográfica. A separação dos adolescentes em grupo facilita na avaliação de cada aspecto encontrado para que sejam realizados encaminhamentos e planejamentos de tratamento diferenciados para esses grupos. Na Tabela 3 é possível visualizar quais são os participantes integrantes de cada grupo, pois é apresentada a quantidade de variáveis que cada adolescente apresentou em cada grupo, ou seja, o adolescente se enquadrou no

grupo em que apresentou o maior número das variáveis relacionadas anteriormente.

Tabela 3. Quantidade de variáveis que o participante apresentou em cada Grupo.

Grupos	Características de Psicopatia	Déficits de Habilidades Sociais	Déficits Cognitivos
Adolescentes			
1	3	2	1
2	5	6	1
3	4	6	1
4	5	6	3
5**	5	6	6
6	0	3	5
7**	4	4	2
8	3	4	6
9	3	1	1
10**	4	4	3
11	3	4	7
12	5	6	2
13*	2	2	1
14	3	4	3
15**	5	5	3
16	4	2	3
17	3	1	0
18	3	4	5
19	3	4	1
20	2	3	2
21**	4	4	1
22	3	5	1
23	3	2	1
24	3	2	2
25*	2	0	1
26	4	2	1
27	5	6	7
28**	4	4	2
29	5	6	2
30	4	3	0
31**	5	5	1
32	7	5	1
33**	3	3	1
Total	16	9	6

* Adolescentes que não se enquadraram em nenhum grupo

** Adolescentes que apresentaram comorbidade entre grupos

De uma forma geral, 16 adolescentes (48,5%) se enquadraram no grupo que sobressaem traços de psicopatia, 9 adolescentes (27,3%) apresentaram características que condizem ao grupo com déficits de habilidades sociais, e seis participantes (18,2%) se adaptaram ao grupo com déficits cognitivos. Duas adolescentes (6%) não obtiveram características suficientes que permitiram ingressar em algum dos grupos.

Oito adolescentes da amostra revelaram no método de Rorschach variáveis que os incluíram em dois grupos, ou seja, 24,2% dos adolescentes apresentaram comorbidade entre dois perfis psicológicos. Diante desta circunstância, os critérios para análise de qual grupo estes jovens se enquadrariam baseou-se em: 1) o grupo da

carência nos aspectos cognitivos predomina inicialmente em relação aos demais; Esta condição foi estabelecida por partir-se do pressuposto de que indivíduos que revelam incapacidade e desajustamento da percepção que geram interpretações equivocadas da realidade tem grandes chances de cometerem comportamentos inadequados com ausência de juízo crítico; 2) na ausência da condição anterior, se há uma comorbidade entre os grupos de aspectos de psicopatia e falha nas habilidades sociais, predomina o primeiro grupo pelo fato da possibilidade de adolescentes que apresentam características antissociais terem maiores chances de desenvolver traços psicopáticos no futuro (Schmitt, Pinto, Gomes, Quevedo & Stein, 2006; Viljoen, MacDougall, Gagnon, & Douglas, 2010).

Foram incluídos no conjunto que revela traços de psicopatia os adolescentes que apresentaram até três destas características mais proeminentes: narcisismo ($Fr+rF>0$), juntamente com a falta de interesse pelo ser humano ($H\leq 1$), ausência de indício de remorso por alguma atitude, com consequências emocionais irritativas e dolorosas ($SumV=0$) e ausência de qualquer indício de maior interesse de contato físico e proximidade com o outro ($SumT=0$), capacidade insuficiente de vivenciar as emoções, reconhecer e expressar os seus sentimentos e participar de situações que envolvem expressões de afetos. ($WSumC \leq 1,5/Afr < 0,40$).

A presença de reflexo no teste assinala a existência de componentes narcisistas integrados na organização da personalidade desses indivíduos. Este elemento gera no indivíduo uma necessidade de reafirmação e confirmação exagerada da própria valia, elevando suas aspirações de importância social. Entretanto, não se pode afirmar que o reflexo é uma patologia por si só, como foi relatado por Exner e Sendín (1999), pois é necessário avaliar as demais características do indivíduo além do meio onde ele vive.

Portanto, a união das quatro variáveis num protocolo e ainda o fato de os adolescentes terem crescido em um meio pouco generoso e nada sustentador das suas necessidades de atenção, sugerem que há grandes possibilidades de promover condutas abertamente antissociais (Exner, 2003; Gacón et al, 2008). O indivíduo com estas características prima pela distância interpessoal, pela falta de vínculos significativos e pela supervalorização do seu valor pessoal, tornando-se preocupado com suas próprias necessidades em detrimento da preocupação com as necessidades dos outros, sem qualquer indício de culpa ($H\leq 1 + SumT=0 + Reflexo>0$ e $SumV=0$). Infere-se, à vista disto, que há uma predisposição para explorar e manipular o outro para atingir seus próprios fins, sem remorso ou arrependimento, haja vista que estas quatro características

de personalidade estão presentes no protocolo de Rorschach e, ao mesmo tempo, há a vivência prolongada de fatores sociais, situacionais e familiares de risco para que o jovem adquira comportamentos violentos (Corredor, 2000; Gacono et al., 2008; Loving & Russell, 2000; Olin & Keatinge, 1998; Lowen, 1983; Garcia, 1999; Souza & Resende, 2012b).

No segundo grupo as características que sobressaíram em relação aos outros grupos foram: falta de habilidades sociais ($CDI \geq 5$), interações interpessoais conflituosas com tendência a comportamentos sociais inadequados ($PHR > GHR$), ausência de interesse em estabelecer vínculos cooperativos ($COP = 0$), dificuldade de organizar e direcionar as condutas, de enfrentar situações cotidianas de desconforto ($EA \leq 3$), bem como limitações em responder às situações que exigem uma maior complexidade emocional ($Blends \leq 2$), estilo evitativo de responder às situações ($L \geq 2$) e baixa autoestima ($Ego < 0,37$) com tendência a se comparar desfavoravelmente aos outros e de se deixar influenciar pelo que os outros dizem (Exner, 2003; Exner & Sendín, 1999).

Os adolescentes que se encaixaram neste contexto de variáveis demonstram indícios de um perfil psicológico típico de alguém com déficit para tudo que seja relacional, com problemas na interação com os que os rodeiam, com dificuldades de manter-se cooperativo, acolhedor e simpático, estabelecendo vínculos pouco agradáveis. É bem provável que este tipo de pessoa opte por relacionamentos mais superficiais e pouco duradouros, demonstrando distância e insensibilidade às necessidades dos outros (Resende, 2009; Souza & Resende, 2012b)

Gacono et al. (2008) observaram em seus estudos que a falta de habilidades sociais e a dificuldade em se posicionar no meio, de se aproximar das pessoas e manter vínculos saudáveis contribui consideravelmente para que pessoas com este perfil adotem comportamentos inadequados na sociedade.

No caso destes adolescentes, nota-se a dificuldade em lidar com as múltiplas tensões da vida cotidiana e, assim, eles acabam simplificando excessivamente suas percepções, buscando nunca se envolver profundamente nas situações (Resende, 2009; Exner & Sedin, 1999). Este comportamento é típico de pessoas com um campo de visão estreito, que decidem sem pensar muito e com pouco investimento emocional para não tomar consciência de circunstâncias ameaçadoras ou indesejáveis em suas vidas e que mantêm o equilíbrio devido a uma vida restrita e de esquiva. Com a simplificação excessiva da percepção, acabam por tomar atitudes de forma precipitada sem analisar a

situação como um todo e, por conseguinte, acabam perdendo o controle diante das situações e agindo sem pensar. Segundo Exner e Sendín (1999) estas características podem se mostrar bastante frequentes em indivíduos com traços psicopáticos, que não refletem e atuam de forma repentina.

No último grupo foram observados déficits nos aspectos cognitivos ($Xa\% < 0,70$; $WDA\% < 0,75$; $Xu\% \geq 0,38$; $X-\% \geq 0,40$; $P \leq 2$; $PTI \geq 2$; $M > 1$; $Zf \leq 4$ e $DQ+ < 4$) (Exner, 2003, Exner&Sendin, 1999), mais precisamente na avaliação do que é mais apropriado em cada circunstância. Infere-se que estes jovens não vêem as coisas como a maioria das pessoas do seu meio muito mais por incapacidade e por desajustamento da percepção, por déficits cognitivos que geram interpretações equivocadas da realidade que geram percepções errôneas de si mesmo e das ações dos outros. Este quadro geral acaba criando condutas afastadas do convencional, o que pode também ser uma contribuição para a realização de atos infracionais, como foi o caso destes jovens que cometeram um atentado contra a vida de outro.

Duas adolescentes não apresentaram características suficientes para se incluírem em algum grupo. Uma delas participou de um latrocínio e se dizia arrependida com o ato, alegou que o fator motivacional foi baixa condição financeira, pois ela acabou indo para a prostituição para conseguir sustentar o filho de um ano. Segundo os dados alcançados pela perícia criminal, a outra jovem assassinou a avó. Ela nega o ato, mas relata que ela e a avó brigavam com frequência, especialmente devido ao seu envolvimento com o tráfico. Em ambos os testes os aspectos que mais chamaram a atenção foram: características de estresse emocional, ansiedade e tensão, com traços de sentimentos de culpa e remorso (SumSombreados= 3 e 4; SumV=1). Além disso, a jovem que cometeu latrocínio apresenta uma grande insatisfação própria com tendência a autocríticas negativas (Ego=0,47, Fr+rF=0, SumV=1). Ela revela ainda características de imaturidade emocional, podendo ter comportamentos de violentas descargas afetivas (OFC:1CF+1C). A adolescente que cometeu o ato contra a avó evidencia, além do estresse emocional, uma sobrecarga interna que tem ocasionado um estresse mental persistente e estável com ideias não deliberadas que dificultam a concentração em atividades cotidianas. Ela tende a ser mais ansiosa, irritável, impulsiva e com baixa tolerância a frustração (FM+m=9; Nota D=-2; AdjD= -1). Todos estes aspectos podem gerar certo prejuízo da adaptação, especialmente a impulsividade e súbito descontrole emocional apresentados por elas (Exner & Sendin, 1999; Resende, 2009; Souza & Resende, 2012b).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste estudo consistiu em levantar os diferentes aspectos psicológicos de adolescentes que cometeram homicídio. Com os dados alcançados, foi possível separar estes adolescentes em grupos com perfis de personalidade diferentes. Pode-se inferir que ao conhecer seus aspectos deficitários podemos auxiliar os programas de tratamento que visam a modificação das condutas não adequadas ou socialmente inaceitáveis. Trata-se de um estudo descritivo, exploratório. Contudo, para generalização dos dados, é exigido um número muito maior de participantes.

As percepções individuais e sociais da violência são elos cruciais na compreensão da gênese do problema (Assis, Avanci, Santos, Malaquias, & Oliveira, 2004). É importante destacar que qualquer estratégia de prevenção da criminalidade violenta deve considerar a existência de uma série de fatores que predispõem a ocorrência dos atos violentos. Fatores variados influenciam esses adolescentes a se envolverem em atos criminais. Os fatores sociais e familiares apresentados por esses jovens – como baixo nível socioeconômico, uso de drogas, envolvimento em outros atos infracionais, presenciar violência intrafamiliar, ser vítima de maus tratos – apontam para uma intervenção focada no âmbito das políticas públicas voltadas especialmente para a prevenção dessas condutas inadequadas, como: diminuição da desigualdade social e do desemprego, incremento da participação comunitária, valorização da educação e ênfase na ressocialização dos adolescentes (Freitas & Ramires, 2011)

Outro dado bastante relevante ao analisar adolescentes que cometeram atos graves é a motivação que esses jovens apresentam para recorrer a violência. Segundo Borges e Alencar (2009) e Minayo e Souza (2003) é relevante a importância de pesquisas que averiguem circunstâncias e experiências de vida que poderiam influenciar os juízos dos infratores com relação ao delito cometido. Neste estudo as principais motivações para o homicídio estão relacionadas com outros atos infracionais e comportamentos inadequados, como envolvimento com o tráfico, brigas entre gangues rivais, discussões familiares, reação da vítima ao assalto a mão armada e ausência de juízo crítico devido o uso de drogas.

Considerando os aspectos individuais, foi possível discriminar três grupos diferentes de perfis de adolescentes que cometeram homicídio. Apenas duas adolescentes não se encaixaram em nenhum dos grupos. No caso destas adolescentes há uma maior propensão de engajamento em tratamentos e encaminhamentos psicoterapêuticos que possam ajudá-las a evitar comportamentos inadequados ao se

inserir no meio social. Um tratamento focado especialmente na modulação dos afetos e tolerância a frustração (Souza & Resende, 2012b).

Nos adolescentes do primeiro grupo observa-se a presença de traços de personalidade típicos de pessoas que desenvolvem condutas abertamente antissociais e traços psicopáticos. No caso deste grupo, a literatura indica que há poucos estudos sistematizados sobre o tratamento de pessoas com estas características que possam orientar a elaboração de programas mais efetivos. Talvez o mais indicado seria uma psicoterapia em grupo, com limites firmes, com pessoas que apresentam as mesmas características. Isto poderia ser bastante desafiador para estes adolescentes que apresentam comportamentos auto e heterodestrutivos, para que possam começar a identificar suas próprias características um no outro, pois todos geralmente apresentam dificuldade de lidar com a desconfiança, fogem de intimidade, tendem a agir com desonestidade e também têm dificuldade de trabalhar com metas a longo prazo, assim como de pensar nas consequências de suas ações antes de agir (Costa & Valerio, 2008; Gabbard, 2005; Kaplan & Sadock, 2007).

Segundo Pacheco, Alvarenga, Reppold, Piccinini & Hutz (2005) o padrão de comportamento antissocial é adquirido na infância, através da interação da criança com a família. Nesse sentido, Assis e Constantino (2005) abordam como intervenção para essa problemática algumas ações preventivas, tais como: a intervenção durante a gravidez e infância em famílias que se encontram em situação de risco; a realização de treinamento para pais; programas de prevenção primária dos crimes e da violência realizados em escolas; e intervenções precoces destinadas a jovens infratores que promovam a reabilitação e reinserção social, profissional e familiar. Ainda com essa visão de intervenção e procedimentos para minimizar a trajetória de comportamentos antissociais em adolescentes, Costa (2005) e Guirado (2006) evidenciam a necessidade de ampliação da escuta psicológica como uma alternativa à busca de condições mais favoráveis ao atendimento das reais necessidades do adolescente no sistema socioeducativo; Ribot e Machado (2005) consideram que uma proposta pedagógica deve ser desenvolvida na atenção oferecida ao adolescente; Costa, Guimarães, Pessina e Sudbrack (2007) descrevem uma metodologia de avaliação familiar que tem como proposta gerar informação, resgatar vínculos parentais, significar o ato infracional.

Os participantes do grupo com pouca habilidade social apresentaram uma deficiência de enfrentamento das situações do dia-a-dia, revelando ainda características de comportamentos mais evitativos e restritos ao lidar com as circunstâncias. Estes

jovens podem frequentemente se beneficiar de tratamento focado na redução da ansiedade interpessoal e no treinamento de habilidades sociais, com o objetivo de focar na melhora da autoestima e na qualidade relacional (Del Prette & Del Prette, 2001). Outra medida adequada seria apresentar a eles situações simples, familiares e objetivas, em que as responsabilidades sejam repassadas por etapas, aumentando gradativamente os objetivos a serem cumpridos para que desenvolvam maneiras cada vez mais eficazes de lidar com as situações e adquiram mais autoestima e autoconfiança.

No último grupo encontram-se os jovens com mais prejuízos cognitivos. Este tipo de comprometimento pode gerar falhas frequentes na capacidade de antecipar as consequências de suas ações e de discriminar os limites do comportamento adequado na maioria das situações. Suas percepções imprecisas podem constituir uma fonte crônica e generalizada de dificuldade de adaptação na vida (Exner & Sedin, 1999; Resende, 2009). A maioria das pessoas com este grau de comprometimento cognitivo têm dificuldades para gerenciar os aspectos psicológicos básicos da vida diária sem a ajuda ou a supervisão de um psicólogo (Souza & Resende, 2012b).

O estudo apresenta limitações já que o ideal seria ter um grupo controle de adolescentes que não cometeram homicídio, para se ter uma comparação dos resultados e analisar a características diferentes em adolescentes que cometeram atos infracionais graves, daqueles que não cometeram não se envolveram com esses atos. Além disto, com um aumento da amostra seria possível observar outras questões tais como: verificar se existem outros perfis de personalidade em adolescentes que cometeram homicídio; analisar se as duas adolescentes deste estudo que não se encaixaram nos grupos, fazem parte de outros perfis existentes em outras amostras, bem como, poderia ser viável a discriminação de diferentes grupos utilizando técnicas estatísticas, tais como a análise fatorial.

Conclui-se que o levantamento de perfis específicos de adolescentes que cometeram homicídio permite estabelecer tratamentos e abordagens mais adequados a cada tipo de perfil. Ainda que os adolescentes que cometeram homicídio não se constituam como um grupo homogêneo e que não haja um padrão de características universais que os represente, os principais resultados permitiram constatar a insuficiência de recursos psicológicos que interferem na capacidade de adaptação ao meio em que vivem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Assis, S. G.; Constantino, P. (2005). Perspectivas de prevenção da infração juvenil masculina. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10 (1), 81-90.
- Assis, S. G., Avanci, J. Q., Santos, N. C., Malaquias, J. V., & Oliveira, R. V. (2004). Violência e representação social na adolescência no Brasil. *Revista Panamericana de Salud Publica*, 16(1), 43-51.
- Assis, S. G. (1999) *Traçando caminhos em uma sociedade violenta: a vida de jovens infratores e de seus irmãos não infratores*. Rio de Janeiro : Editora Fiocruz.
- Bartol, C. R. (2008). Resilience and Antisocial Behavior. In C. R. Bartol & A. M. Bartol (Eds). *Current perspectives in forensic psychology and criminal behavior*, London: Sage.
- Conselho Nacional de Saúde (Brasil). (1996) Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996. Normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Diário Oficial da União
- Conselho Federal de Psicologia (2000). Resolução CFP Nº 016/00, Normas para realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos.
- Corredor, M. (2000). *Transtorno de conduta em niños: Um estudio de caso*. Trabalho de especialização. Universidad Católica Andrés Bello de Caracas, Venezuela.
- Costa, J. B. P., & Valerio, N. I. (2008). Transtorno de personalidade anti-social e transtornos por uso de substâncias: caracterização, comorbidades e desafios ao tratamento. *Temas em psicologia*, 16(1), 119-132.
- Costa, C. R. B. S. F. (2005) É possível construir novos caminhos? Da necessidade de ampliação do olhar na busca de experiências bem-sucedidas no contexto socioeducativo. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 2 (5), 79-95.
- Costa, L. F.; Guimaraes, F. L.; Pessina, L. M.; Sudbrack, M. F. O. (2007). Single session work: intervenção única com a família e adolescente em conflito com a lei. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, 17 (3) 104-113.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2001) *Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis, RJ: Vozes
- Dicataldo, F.; Everett, M. (2008) Distinguishing juvenile homicide from violent juvenile offending. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 52 (2), p. 158-174.
- Entorf, H., & Spengler, H. (2000) Socioeconomic and demographic factors of crime in Germany: evidence from panel data of the German states. *International review of law and economics*, 20(1), 75-106.

- Englander, E. K. (2006) *Understanding Violence*. New York: Psychology Press.
- Exner, J. E. & Sendín, C. (1999). *Manual de interpretação do Rorschach para o sistema compreensivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Exner, J. E., Jr. (2003). *The Rorschach: A comprehensive system: Vol. 1. Basic foundations and principles of interpretation* (4ª ed). Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.
- Flores, R. Z. (2002). A biologia na violência. *Ciência, saúde coletiva*, 7(1), 197-202.
- Freitas, O., & Ramires, J. C. (2011). Políticas públicas de prevenção e combate à criminalidade envolvendo jovens. *Caminhos de Geografia*, 12(37).
- Gabbard, G. (2005). *Psiquiatria Psicodinâmica na Prática Clínica*. Pub Americana de Psiquiatria.
- Gacono, C. B., & Meloy, J. R. (1994) *The Rorschach assessment of aggressive and psychopathic personalities*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Gacono, C. B., Gacono, L. A., & Evans, F. B. (2008). The Rorschach and antisocial personality disorder. In: Gacono, C. B.; Evans, F. B.; Kaser-Boyd, N.; Gacono, L. A. (Eds.), *The Handbook of Forensic Rorschach Assessment*. New York, NY: Lawrence Erlbaum Associates.
- Gallo, A. E. (2006). *Adolescentes em conflito com a lei: Perfil de Intervenção*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos.
- Gallo, AE, & Williams, LDA (2005). Adolescentes los Conflito com a lei: UMA Revisão dos Fatores de risco par a Conduta infracional. *Psicologia: Teoria e Prática*, 7 (1), 81-95.
- Garcia, J. C. R. (1999). Aproximacion a la Personalidad del Homicida a traves Del Psicodiagnostico de Rorschach. *Psicologia: Teoria e Prática*, 1(2): 27-32.
- Gartner, R. (1990). The victims of homicide: a temporal and cross-national comparison. *American Sociological Review*, 55, 92-106.
- Gauer, J. C., Davoglio, T. R. & Vasconcelos, S. J. L. (2012). Avaliação de traços antissociais em adolescentes: perspectivas atuais. In: Gauer, J. C., Vasconcelos, S. J. L & Davoglio, T. R. *Adolescentes em conflito: violência, funcionamento antissocial e traços de psicopatia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 35-51.
- Guimarães, A.L.C. (2004). *Tráfico de drogas: Percepções e concepções de seus agentes na cidade de Ribeirão Preto*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP.

- Guirado, M. (2006) A psicanálise dentro dos muros de instituições para jovens em conflito com a lei. *Boletim de Psicologia*, 55 (124), 53-66.
- Harrington, R., & Maskey, S. (2008). Behavior disorders in children and adolescents. *Children Psychiatry and Developmental Disorders*, 36, 482-485.
- Heide, K. M. (1997). Juvenile homicide in America: how can we stop the killing? *Behavioral Sciences & the Law*, 15, 203–220.
- Heide, K. M. (2003). Youth homicide: A review of the literature and a blueprint for action. *International journal of offender therapy and comparative criminology*, 47(1), p. 6-36.
- Heide, K. M., & Solomon, E. P. (2009). Female juvenile murderers: Biological and psychological dynamics leading to homicide. *International journal of law and psychiatry*, 32(4), 244-252.
- Johnstone, L., & Cooke, D. J. (2004). Psychopathic-like traits in childhood: conceptual and measurement concerns. *Behavioral sciences & the law*, 22(1), 103-125.
- Kaplan, H. I., & Sadock, B. J. (2007). *Compêndio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica*. (9 ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Kodato, S., & Silva, A. D. (2000). Homicídios de adolescentes: refletindo sobre alguns fatores associados. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 13(3), 507-515.
- Lazarus, A. A. (1980). *Terapia multimodal do comportamento*. Tradução organizada por U. C. Arantes. 1ª Edição. São Paulo: Manole.
- Loving, J., & Russell, W. (2000). Selected Rorschach variables of psychopathic juvenile offenders. *Journal of Personality Assessment*, 75, 126–142.
- Lowen, A. (1983). *Narcisismo: Negação do Verdadeiro Self* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Editora Cultrix.
- Liu, J. (2010). Early health risk factors for violence: Conceptualization, evidence, and implications. *Aggression and Violent Behavior* 16, 63–73.
- Manita, C. (2000). Das descobertas privadas aos crimes públicos: evolução dos significados em trajetórias de droga-crime. *Toxicodependências*, 6(2).
- Minayo, M. C. de S. & Souza, E. R. de (2003). *Violência sob o Olhar da Saúde: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz
- Morana, H. (2004). *Escala Hare PCL-R: critérios para pontuação de psicopatia revisados*. Versão brasileira. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Maia, J. M. D., & Williams, L. C. D. A. (2005). Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. *Temas em psicologia*, 13(2), 91-103.

- Nascimento, R. S. G. F. (2002). Estudo normativo do sistema compreensivo do Rorschach para a cidade de São Paulo1. *Psico-USF*, 7(2), 127-141.
- Nascimento, R. S. G. F. (2010). *Sistema Compreensivo do Rorschach: teoria, pesquisa e normas para a População Brasileira*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Olin, J., & Keatinge, C. (1998). *Rapid psychological assessment*. New York: John Wiley.
- Organização Mundial De Saúde – OMS. (2002). *Relatório Mundial sobre Violência e Saúde*. Genebra: Organização Mundial de Saúde.
- Pacheco, J., Alvarenga, P., Reppold, C., Piccinini, C. A., & Hutz, C. S. (2005). Estabilidade do comportamento anti-social na transição da infância para a adolescência: uma perspectiva desenvolvimentista. *Psicologia: reflexão e crítica*, 18(1), 55-61.
- Paludo, S. (2011). Valores e normas sociais de jovens em conflito com a lei. In: Dell’Aglío, D. D. & Koller, S. H. (Org). *Adolescência e juventude: vulnerabilidade e contextos de proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 139-161.
- Patterson, G. R., & Yoeger, K. (2003). A developmental model for early-and late-onset delinquency. Em J. B. Reid, G. R. Patterson & J. Snyder (Eds.). *Antisocial behavior in children and adolescents: A developmental analysis and model for intervention* (p. 147-172). Washington, DC: American Psychological Association.
- Pereira, S., & Sudbrack, M. (2008). Drogadição e atos infracionais na voz do adolescente em conflito com a lei. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(2), 151-159.
- Resende, A. C., Carvalho, T. C. R. D., & Martins, W. (2012). Desempenho Médio de Crianças e Adolescentes no Método de Rorschach Sistema Compreensivo. *Avaliação Psicológica*, 11(3), 375-394.
- Resende, A. C. (2009). *Método de Rorschach: Referências essenciais*. Goiânia: Dimensão.
- Resende, A. C. (2011). A personalidade de adolescentes que cometeram Homicídio por meio do Método de Rorschach. *Estudos*, 38 (1), 29-38.
- Resende, A. C.; & Souza, C. C. (2011). O método de Rorschach aplicado em avaliações de adolescentes que cometeram homicídio: dados preliminares. *Trabalho publicado nos Anais do VIII Encontro Nacional da ABEP*. Disponível em: <http://abepsi.locaweb.com.br/encontro2011/anais/o-metodo-de-rorschach-aplicado-em-avaliacoes-de-adolescentes-que-cometeram-homicidios-dados-preliminares.pdf>. Acessado em: 11/11/2013.

- Ribot, G.; Machado, M. S. (2005). Da errância à transumância: acompanhamento educativo de adolescentes delinquentes. *Estilos da clínica*, 10 (19), 60-83.
- Roe-sepowitz, D. E. (2009). Comparing male and female juveniles charged with homicide child maltreatment, substance abuse, and crime details. *Journal of interpersonal violence*, 24(4), p. 601-617.
- Rodway, C., Norrington-Moore, V., While, D., Hunt, I. M, Flynn, S., Swinson, N., Roscoe, A., Appleby, L. & Shaw, J. (2010). A population-based study of juvenile perpetrators of homicide in England and Wales. *Journal of adolescence*, 34 (1), 19-28.
- Schmitt, R., Pinto, T. P., Gomes, K. M., Quevedo, J., & Stein, A. (2006). Personalidade psicopática em uma amostra de adolescentes infratores brasileiros. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 33(6), 297-303.
- Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente. 2012. Levantamento Nacional do Atendimento Socioeducativo ao Adolescente em Conflito com a Lei - 2011. SNPDC/SDH/PR. Disponível em: <http://www.anajure.org.br/wp-content/uploads/2013/04/LEVANTAMENTO-NACIONAL-2011.pdf>. Acessado em: 06/10/2013.
- Souza, C. C. de; & Resende, A. C. (2012a). Transtornos psicológicos em adolescentes socioeducandos. *Avaliação Psicológica*, 11 (1), p. 95-109.
- Souza, C. C. de; & Resende, A. C. (2012b). Diferentes perfis psicológicos de adolescentes que cometeram homicídio. In: Amparo, D. M.; Okino, E. T. K; Osório, F. L.; Hisatugo, C. L. C; & Tavares, M. *Métodos projetivos e avaliação psicológica: Atualizações, avanços e perspectivas*. Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos: Brasília, DF.
- Viljoen, J. L., MacDougall, E. A., Gagnon, N. C., & Douglas, K. S. (2010). Psychopathy evidence in legal proceedings involving adolescent offenders. *Psychology, Public Policy, and Law*, 16(3), 254.
- Widom, C. S. (1989). Child abuse, neglect, and violent criminal behavior. *Criminology*, 24, 160-166.
- Zamora, M. H. (2008). Adolescentes em conflito com a lei: Um breve exame da produção recente em psicologia. *Revista Eletrônica Polêmica*, 7(2), 7-20.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

Adolescentes em conflito com a lei é um tema atual que preocupa a sociedade, o Estado e as entidades que trabalham com estes jovens. Especialmente se o adolescente envolve com atos mais violentos, como o homicídio e o latrocínio, pois nestes casos há grandes chances dele continuar desenvolvendo esse tipo de conduta na fase adulta (OMS, 2002).

Os dados do estudo de revisão bibliográfica sistemática considerando os últimos dez anos permitiram traçar um perfil da produção científica. Observou-se a predominância de trabalhos internacionais e empíricos; a grande maioria teve a proposta de analisar características de personalidade nessa população e predominaram os estudos que fizeram uso de avaliação psicológica.

A revisão da literatura evidenciou a escassez de estudos sobre adolescentes envolvidos em homicídio, visto que a grande maioria dos estudos não faz diferenciação entre atos infracionais. Grande parte dos estudos encontrados (Rodway e cols 2010; Viljoen, MacDougall, Gagnon, & Douglas, 2010; Lindberg, e cols, 2009; Fritz, e cols., 2008; Hamerlynck, e cols, 2007; Schmitt, Pinto, Gomes, Quevedo & Stein, 2006; Wilson & Norris, 2003; Hagelstam, & Häkkänen, 2006) limitou-se em descrever o problema como, por exemplo, comportamentos agressivos, indicações de transtornos diversos e principalmente traços de psicopatia. Sugere-se, portanto, mais pesquisas nesta área, com esta população, que tenham como foco analisar o que subjaz por trás de cada ato: qual o motivo que levou esse jovem a se engajar na violência, quais são os fatores de risco envolvidos, bem como as características de personalidade que indicam disposição para cometer atos infracionais e principalmente aquelas que facilitariam um envolvimento no encaminhamento psicoterapêutico e reinserção no meio social.

Acredita-se que a avaliação de personalidade é um método importante para a compreensão desses jovens, pois poderá estabelecer tratamentos e abordagens mais adequados aos casos, visto que esse aspecto ainda é falho nesse contexto.

No estudo empírico foi possível verificar os fatores sociais, familiares que influenciaram estes jovens a cometerem homicídio, compreender as razões para tal ato, bem como realizar a avaliação de personalidade nesses adolescentes. Talvez fosse interessante realizar esta avaliação com adolescentes que ainda não se envolveram em atos criminais, como um estudo com grupo controle, com adolescentes com a mesma idade, escolaridade e nível socioeconômico, que provavelmente propiciaria afirmar,

com maior precisão, quais aspectos que estão diretamente relacionados ao ato infracional.

Com o conhecimento aqui produzido de maneira científica foi possível obter informações que permitiram avaliar como os adolescentes pensam, sentem e se comportam, além dos fatores de risco sociais, familiares, situacionais sob os quais estavam expostos. Foi possível agrupar esses adolescentes em diferentes perfis que favorecem orientações e intervenções terapêuticas mais pertinentes às necessidades destas pessoas.

Importante destacar que a maioria dos artigos (Viljoen, MacDougall, Gagnon, & Douglas, 2010; Lindberg, e cols, 2009; Fritz, e cols., 2008; Hamerlynck, e cols, 2007; Schmitt, Pinto, Gomes, Quevedo & Stein, 2006; Wilson & Norris, 2003) com a proposta de avaliar características de personalidade focou nos traços de psicopatia desses jovens. Vimos no estudo empírico da presente dissertação que a maioria dos adolescentes participantes se enquadraram no grupo que revela traços de psicopatia, porém muitos adolescentes se destacaram por aspectos como déficits de habilidades sociais e cognitivos que necessitam de encaminhamentos diferentes do grupo com traços antissociais. A divisão destes jovens em grupos visa enfatizar os aspectos mais deficitários a serem trabalhados.

Para finalizar é importante considerar ainda que estudos com amostras maiores poderiam ser mais precisos quanto aos grupos formados. Talvez as adolescentes que não se enquadraram em nenhum grupo façam parte de outro perfil possivelmente mais frequente em outras amostras ou talvez novos grupos surjam com outras demandas. Seria interessante que mais estudos sejam desenvolvidos para trazer mais esclarecimentos sobre esta questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Fritz, M. V., Wiklund, G., Kuposov, R. A., Afklinteberg, B., & Ruchkin, V. V. (2008). Psychopathy and violence in juvenile delinquents: what are the associated factors? *International journal of law and psychiatry*, 31(3), 272-279.
- Hagelstam, C., & Häkkänen, H. (2006) Adolescent homicides in Finland: offence and offender characteristics. *Forensic science international*, 164(2), p. 110-115.
- Hamerlynck, S. MJJ et al. (2007) Aggression and psychopathology in detained adolescent females. *Psychiatry research*, 159(1), p. 77-85

- Lindberg, N., Laajasalo, T., Holli, M., Putkonen, H., Weizmann-Henelius, G., & Häkkänen-Nyholm, H. (2009). Psychopathic traits and offender characteristics – a nationwide consecutive sample of homicidal male adolescents. *BMC psychiatry*, 9(1), 18.
- Organização Mundial De Saúde – OMS. (2002). *Relatório Mundial sobre Violência e Saúde*. Genebra: Organização Mundial de Saúde.
- Rodway, C., Norrington-Moore, V., While, D., Hunt, I. M, Flynn, S., Swinson, N., Roscoe, A., Appleby, L. & Shaw, J. (2010). A population-based study of juvenile perpetrators of homicide in England and Wales. *Journal of adolescence*, 34 (1), 19-28.
- Schmitt, R., Pinto, T. P., Gomes, K. M., Quevedo, J., & Stein, A. (2006). Personalidade psicopática em uma amostra de adolescentes infratores brasileiros. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 33(6), 297-303
- Viljoen, J. L., MacDougall, E. A., Gagnon, N. C., & Douglas, K. S. (2010). Psychopathy evidence in legal proceedings involving adolescent offenders. *Psychology, Public Policy, and Law*, 16(3), 254.
- Wilson, P; Norris, G. (2003) Relationship between criminal behaviour and mental illness in young adults: conduct disorder, cruelty to animals and young adult serious violence. *Psychiatry, Psychology and Law*, v. 10, n. 1, p. 239-243.

ANEXOS

ANEXO A: TABELA 1

TABELA 1 Artigos encontrados, excluídos e os selecionados de acordo com cada palavra-chave nas bases de dados

Período	Base de Dados	Palavra-chave	Artigos encontrados	Artigos com outros temas ou realizados com adultos	Artigos reincentes	Artigos selecionados
Junho	Pepsic	Homicídio	20	19	-	1
		Homicídio e adolescência	4	3	1	0
		Transtorno de Personalidade Antissocial	6	6	-	0
		Transtorno de Conduta	18	16	2	0
	SciELO	Homicídio	124	123	-	1
		Homicídio e adolescência	8	7	1	0
		Transtorno de Personalidade Antissocial	40	40	-	0
		Transtorno de Conduta	44	43	1	0
	ClinicalKey	Adolescent offender	719	717	-	2
		Juvenile homicide	124	123	-	1
		Juvenile murder	108	105	3	0
		Adolescentmurderer	238	238	-	0
		Antissocial personality disorder and adolescent	998	998	-	0
		Homicide and adolescent	94	93	1	0
Agosto	PsycInfo	Adolescent offender	7	7	-	0
		Juvenile homicide	21	18	-	3
		Juvenile murder	0	-	-	0
		Adolescent murderer	0	-	-	0
		Antissocial personality disorder and adolescent	247	244	3	0
		Homicide and adolescent	101	99	-	2
	Psyc Articles	Adolescent offender	1	-	-	1
		Juvenile homicide	0	-	-	0

		Juvenile murder	0	-	-	0
		Adolescent murderer	0	-	-	0
		Antissocial personality disorder and adolescent	32	31	1	0
		Homicide and adolescent	1	1	-	0
Período	Base de Dados	Palavra-chave	Artigos encontrados	Artigos com outros temas ou realizados com adultos	Artigos reincidentes	Artigos selecionados
Setembro	Science Direct	Adolescentoffender	284	279	4	1
		Juvenilehomicide	43	42	-	1
		Juvenilemurder	9	9	-	0
		Adolescentmurderer	7	7	-	0
		Antissocial personality disorder and adolescent	78	72	6	0
		Homicide and adolescent	64	62	2	0
Novembro	Taylor e Francis	Adolescent offender	29	29	-	0
		Juvenile homicide	14	14	-	0
		Juvenile murder	2	2	-	0
		Adolescent murderer	50	49	-	1
		Antissocial personality disorder and adolescent	186	186	-	0
		Homicide and adolescent	1	1	-	0

ANEXO B: ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Este roteiro foi elaborado utilizando como base algumas questões da Escala Hare de Psicopatia (Morana, 2004) e do Questionário Multimodal (Lazarus, 1980).

Dados gerais

Nome:

Endereço:

Idade:

Data de Nascimento:

Estado civil:

Filhos:

Religião:

(Prontuário)

Tempo de internação:

Histórico de internação:

Infração:

Aspectos Escolares

1. Quantas escolas de curso fundamental estudou (mais de uma; porque mudou de escola?)
2. Quantas escolas de ensino médio estudou (mais de uma; porque mudou de escola)?
3. Como era a frequência escolar? Ia todos os dias, abandonava porque e qual idade?
4. Até que série você estudou? Repetiu muitas vezes, por quê? Quaisidades?
5. Você gostava da escola?
Do quem mais gostava?
Do quem não gostava?
Achava chato?
Conseguia prestar atenção?
O que seus professores diziam de você?
Era desligado(a), inquieto(a), agitado(a)?
6. Como era a convivência com seus colegas de escola?
Você tinha algum amigo(a) próximo predileto(a)?
7. Como era seu comportamento na escola?
Você fazia bagunça, aprontava?
Arrumava problemas?
Foi para a escola embriagado(a)?
Depredou a escola, trapaceou, furtou, quantas vezes e qual idade?
Brigas com frequência, em qual idade? Provocava ou era provocado(a)?
Machucou alguém com gravidade?
Já foi suspenso(a) ou expulso(a) quantas vezes e qual a idade?

Aspectos Profissionais

1. Quais os tipos de trabalhos ou ocupações você já exerceu?
2. Quantos empregos ou trabalhos diferentes você já teve?
3. Qual foi o seu trabalho mais durador? Qual foi o mais breve?
Qual cargo?
Gostava do que fazia?
Era remunerado?
Deixou por quê?
Abandonou ou foi demitido(a)?
4. Você é um(a) funcionário(a) digno de confiança?
5. Alguma vez deixou o trabalho sem outro em vista?

Saúde

1. Saúde durante a infância? Ruim, boa ou excelente?
2. Saúde durante a adolescência? Ruim, boa ou excelente?
Relação de doenças:
Qual seu peso?
Já foi submetido(a) a alguma intervenção cirúrgica?
Algum acidente?
3. Se teve alguma doença foi aqui na instituição ou em liberdade?
4. Na infância foi diagnosticado(a) como criança hiperativa? Por quem? Qual idade? E como foi o tratamento?
5. Algumavez tentou suicídio?

Vida Familiar

1. Foi criado(a) pelos seus pais naturais? Morou com mais alguém? Se não, o que aconteceu?
Tem irmãos?
2. Como era sua vida na sua casa?
Quem mais morava lá?
Como era a convivência com as pessoas?
Tinha muitas regras?
Quebrava as regras com frequência?
Era punido(a)?
Alguém de teve problema com a lei? Quem? O que aconteceu?
Alguém com problema mental? Físico? Abuso de álcool e drogas?
3. Alguma vez sofreu abusos físicos, sexuais ou emocionais? Quem abusou? Qual idade? O que aconteceu? Saiu de casa?
4. Colocou os pés na estrada e saiu sem rumo? Idade? Quanto tempo ficou fora? O que fez? Contou para alguém?
5. Como você vê os relacionamentos com sua família agora?
6. Com que frequência tem contato com os familiares? O que estão fazendo? Como eles estão?

Relacionamentos Sexuais

1. Quantos relacionamentos conjugais você já teve? Heterossexuais ou homossexuais?
Se teve vários, por quê?
Você se relacionava com várias pessoas ao mesmo tempo?
Você foi infiel a algum dos seus parceiros(as)?

Uso de álcool e drogas

1. Já usou álcool? E drogas?
Quando iniciou? Qual idade tinha?
Com quem estava quando usou a primeira vez?
Quanto tempo de uso?
Por que usava?
Cometeu crime sob o efeito de alguma substância?
Você já cometeu loucuras para se divertir? De que tipo?
Qual idade?
Em que situações?
Você já arrumou brigas se envolvendo em lutas ou agressões físicas?

Comportamento antissocial na infância e adolescência

1. Quando era criança fazia tumultos, rebeliões, fora do ambiente escolar e nos arredores da escola?
Canibalismo? Autuava fogos?
Machucava animais por brincadeira ou divertimento?
Roubo, furtos?
Qual a frequência? Idade?
Foi pego(a)? Qual foi a punição?
Isso lhe afetou?
2. Teve problema com a polícia com doze anos de idade ou menos?
Foi preso(a) durante a adolescência, além dessa vez? Quantas vezes? O que fez? Foi condenado(a)?
Qual a idade que cometeu o primeiro delito?
Você cometeu algum crime e não foi descoberto(a)?
Seus crimes são decididos por impulso ou são planejados?
Quais são as consequências dos seus delitos para as vítimas?
Teve contato posterior com a vítima?

Gerais

1. Já teve sentimento de culpa ou arrependimento fora os crimes?
O que fez se sentir mal com isso?

2. Quando você trabalha ou se envolve com alguma atividade durante um certo tempo, você se aborrece facilmente?
3. Você conta muita mentira, você é bom(boa) nisso?
4. Acha fácil enrolar ou manipular as pessoas? Já fez isso? Dê exemplos.
5. As pessoas dizem que você tem temperamento difícil?
O que te deixa bravo(a) ou zangado(a)?
O que faz quando está zangado(a)?
6. Você tem amigos(as)?
Íntimos ou chegados? (o que é ser chegado?)
Quantos?
Há quanto tempo vocês se conhecem?
Você mantém contato com eles(as)?
7. O que acha de si mesmo(a)?
Como é sua autoestima?
Classifique sua autoimagem em uma escala de 0 a 10?
8. Já morreu alguém muito querido pra você?
De que maneira isso lhe afetou?
Como lidou com essa situação?
Foi ao enterro?
Se não morreu, ficou doente? (Foi ao hospital)?
9. Qual foi a sua maior tristeza, ou decepção?
Qual foi sua maior alegria?
10. Você está satisfeito(a) com sua vida agora?
Está faltando alguma coisa na sua vida, o que?
Tem algum aspecto na sua vida que precisa ser melhorado?

Alguma coisa que você gostaria de dizer que não foi mencionado neste questionário?

ANEXO C TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

I - ESCLARECIMENTOS

Este é um convite para você participar da pesquisa “**A Personalidade de Adolescentes que Cometeram Homicídio**”, que é desenvolvida pela psicóloga Carolina Cardoso de Souza sob orientação da Profa. Dra. Ana Cristina Resende.

Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando o seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

Esta pesquisa tem como objetivo compreender melhor como o jovem que cumpre medidas socioeducativas, privado de liberdade, geralmente pensa, sente e se comporta no dia-a-dia.

Caso decida aceitar o convite, você deverá participar de uma entrevista, com duração de mais ou menos 30 minutos, e ser submetido a dois testes psicológicos, um geralmente é realizado em 30 min e outro em aproximadamente 1 hora e 30 minutos.

Os riscos envolvidos na sua participação são: sentir-se incomodado ao ser solicitado a fornecer algumas informações a seu respeito e, em casos raros, caso já possua algum dano emocional este poderá se agravar. Contudo, caso você sinta qualquer tipo de incômodo com sua participação, as pesquisadoras estarão disponíveis para orientá-lo e dar maiores esclarecimentos. Se necessário for, as pesquisadoras poderão fazer encaminhamentos para atendimentos psicoterapêuticos na própria instituição. Você também poderá desistir a qualquer momento sem nenhuma penalidade ou constrangimento, não cabendo ressarcimento. De qualquer forma, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você terá direito a indenização.

Em relação aos benefícios envolvidos na pesquisa, caso você tenha interesse, terá direito de receber os resultados das suas atividades dessa pesquisa, na própria instituição, em aproximadamente 4 meses após seu aceite em participar deste estudo. Você também estará contribuindo para uma melhor compreensão dos aspectos psicológicos que predisõem um jovem a cometer atos infracionais, como também estará colaborando com o levantamento de informações que podem gerar intervenções psicológicas, aconselhamentos, orientações e encaminhamentos mais adequados para esses jovens, além de fornecer informações que podem ser usadas para o aumento da eficiência da reinserção do jovem em conflito com a lei no meio social.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários. Havendo qualquer tipo de dano moral ou material, advindo dessa pesquisa, você será indenizado (a).

Você ficará com uma cópia deste Termo e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para a **psicóloga Carolina Cardoso de Souza** pelos telefones (62) 8183-5066/ 3954-3618, ou para a **Dra Ana Cristina Resende** pelo telefone (62) 3946-1097.

Dúvidas a respeito da ética dessa pesquisa poderão ser questionadas ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Goiás, onde também poderá apresentar reclamações em relação a este estudo pelo telefone (62) 3946-1512.

Somos gratos pela sua compreensão e colaboração com esta pesquisa.

II- CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____ RG nº _____ CPF nº _____, abaixo assinado, declaro que compreendi os objetivos desta pesquisa, como ela será realizada, os riscos e benefícios envolvidos e concordo em participar voluntariamente da pesquisa “**A Personalidade de Adolescentes que Cometeram Homicídio**”, como sujeito. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Goiânia, _____ de _____ de 2013

Nome do sujeito: _____

Assinatura do sujeito: _____

Assinatura
Datiloscópica

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar.

Testemunhas (não ligada à equipe de pesquisadores):

Nome: _____ Assinatura: _____

Nome: _____ Assinatura: _____

Assinatura e CRP da Pesquisadora

Assinatura e CRP da Supervisora